

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

## SUMARIO

<b>DA REDAÇÃO:</b>		<b>NOTAS E COMENTARIOS:</b>	
A opinião publica	pag. 1	A pratica do ensino—Guerino Casasanta	pag. 55
O momento educacional em Minas	pag. 7	Exames e promoções — Oscar Arthur Guimaraes	pag. 57
<b>COLABORAÇÃO:</b>		<b>DAQUÍ E DALÍ:</b>	
Pela escola ativa—Prof. Firmino Costa	pag. 3	Ser professor — Pedro Vaz	pag. 58
<b>TRADUÇÕES:</b>		<b>NOTICIARIO:</b>	
Catecismo—Marie; Fargues	pag. 40	V Conferencia Nacional de Educação	pag. 62
<b>NOSSA EXPERIENCIA:</b>			
Uma aula de objetivação comparada — Hely Nogueira	pag. 52		

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



## A opinião pública

E' preciso — dizia Washington — ilustrar a opinião publica na razão direta e na medida do prestigio que lhe confere a organização do governo. Para que alcancemos esse objetivo, cumpre-nos imprimir novo rumo á escola, orientando-a de maneira a ativar, desenvolver e organizar as tendencias sociais da criança, induzindo-a ao contato imediato com os problemas da vida, proporcionando-lhe ensejo e liberdade para que a sua conduta vá ganhando expressão e nitidez.

E' hoje doutrina pacifica que a educação aparece como "corolario indispensavel do governo de si mesmo". E isso se poderá conseguir, considerando os variados meios de que a escola dispõe para socializar as crianças, adextrando-as a viver em sociedade, pensando nos problemas comuns, agindo em comum e adaptando-as ás necessidades comuns.

\*  
\*  
\*

Os governos prestigiam a opinião publica, ouvindo-lhe os reclamos, perscrutando-lhe os anseios,

conferindo-lhe poderes eletivos, governando, enfim, sob o comando de sua voz e sob o exame de seu olhar. Os membros que compõem essa força devem ser capazes de participar eficientemente da vida da nação. Só a escola — e a escola socializada, de iguais oportunidades para todos, escola de cultura e de democracia — poderá aparelhar os homens para o exercício de seus direitos e cumprimento de seus deveres.

\*  
\*   \*  
\*

A nova educação, como a entendem os norte-americanos — diz Barnés — nada mais é do que um intenso florescimento de tendências e trabalhos para purificar toda a vida social.

E' isto, justamente, o nosso problema: melhorar as escolas, para engrandecer, elevar e enobrecer os povos, torná-los aptos para que realizem os ideais de cultura, de prosperidade e de progresso.

A renovação do ambiente escolar impõe-se como condição fundamental para a transformação da fisionomia do ensino.

O professor deve deixar de lado os preconceitos e convicções que o colocam numa torre de marfim, inacessível ás crianças. Deve êle decer das alturas e, numa primeira e salutar reação, buscar o convívio dos pequenos, estudar com êles, viver com êles e, porque não dizê-lo?, aprender com êles.

Diligenciará por colocá-los em situações de exercitarem o seu instinto social, praticando as coisas da vida, assumindo atitudes ativas, exercendo, enfim, a sua inteligencia com um destino certo e cla-

ro, com um objetivo que lhe cumpre alcançar. No uso quotidiano das praticas sociais, aprenderá a criança as boas maneiras, adquirirá bons hábitos, aprenderá a bem estimar a companhia de seus colegas e camaradas, enriquecendo, de mil maneiras preparadas ou ocasionais, a sua experiencia.

\*  
\*   \*  
\*

Estas e outras razões, que não vem aqui mencionar, parecem-me suficientes para provar que da boa escola virá a boa opinião publica e que esta só será digna do prestígio dos governos si fôr mesmo capaz de auxiliá-los.

Incumbe-nos, pois, uma grande tarefa, qual seja a de organizar escolas para o saneamento do ambiente social e, portanto, fontes seguras de engrandecimento e felicidade das gerações presentes e futuras.

---

## P E L A   E S C O L A   A T I V A

Coligi certa vez algumas definições de *educação*, e ainda me lembro de que procurei entre elas o significado atribuido pelo povo áquele termo. A definição de Renan conforma-se com o sentido popular: "A educação é o respeito de tudo o que é realmente bom, grande e belo... é a polidez, é o tacto. "Bem sabemos que, na linguagem comum, "homem educado" equivale a "homem polido".

Claro está que a polidez e o tacto não abrangem a educação toda, porém constituem certamente as fórmulas de que ela deve revestir-se. Sem essas fórmulas, a educação será incompleta e não poderá conquistar a simpatia social. "Ele é homem ilustrado, costuma o povo dizer, mas não possui educação".

O seguinte conceito de Dewey esclarece o assunto: "Um estudo só tem valor, quando *ê* permite ao aluno compreender melhor seu meio social e lhe confere o poder de avaliar até que ponto suas capacidades poderiam prestar serviço á sociedade". Compreender melhor o meio social para lhe prestar serviços, eis o fim do estudo ou da instrução.

Consiste o *tacto*, podemos dizer, na compreensão do meio social, no modo seguro e refletido de agir, na habilidade de aproveitar o que nos interessa, na atenção concedida ao razoável, no cuidado de não despertar suscetibilidades. O tacto não passa de ser um conjunto de prudência, tino, bom senso, discreção e serenidade.

A polidez é a fórmula agradável que nos cumpre imprimir aos nossos atos, a distinção de maneiras com que nos tornamos amáveis na sociedade. Ela deve ser uma das idéas diretrizes do trabalho educativo. Representa uma força na escola, porque inspira confiança, atrai simpatia e mantém a tranquilidade do espirito.

Ha na educação duas partes distintas: a capacidade de prestar serviços ao meio social e o modo habil de prestá-los. A instrução dá aquela; o tacto e a polidez facultam esta. Si tais qualidades são indis-

pensáveis aos homens educados, ainda mais elas devem ser aos educadores.

Está visto que não bastam os livros para conceder todas as qualidades educativas. Os livros servem para elevar a personalidade dos estudiosos, ensinando-os a refletir, fazendo-os autonomos, levando-os a pensar pelo seu proprio cerebro. O pensamento responsavel é que fórmula, antes de tudo, o professor. Si estes tem outros, que são senhores de seu pensamento, então não está na altura de educar, nada mais é do que um simples automato.

A falta de emancipação intelectual transforma o professor em um irresponsavel; a falta de polidez e de tacto faz dele um autoritario. O primeiro, ainda que partidario da escola ativa, está preso pelos preconceitos; o segundo, em nome da mesma escola, firmada na liberdade, quer impôr as suas idéas.

Póde o professor permitir que seu pensamento seja dominado por outrem? Póde êle, por falta de polidez e de tacto, suscitar atritos no trabalho educativo? O magisterio não lhe foi dado para isso. E' dever de conciencia, por um lado, emancipar-se, e, por outro, adquirir polidez e tacto no convívio escolar.

Da polidez e do tacto das novas professoras, que estudaram a escola ativa, depende sobretudo a transição do regimen tradicional para o atual regimen. Não lhes é facil introduzir os metodos ativos em nossas escolas, mas ser-lhes-á titulo de gloria introduzi-los. Não lhes basta para isso conhecer pedagogia: a polidez e o tacto serão igualmente indispensáveis.

Imunizem-se, antes de tudo, contra o complexo de superioridade, também conhecido pelo nome de *convencimento*. Lembrem-se de que existem do outro lado professoras de valor pela sua inteligência, pela sua dedicação, pelo seu saber... A escola ativa, como qualquer manifestação da ciência, é modesta. "Todo nosso processo, diz Kilpatrick, é sempre experimental, nunca dogmático, sempre vigilante, nunca empregando as regras como tais, não sempre ensaiando-as experimentalmente".

Dentro da escola ativa há princípios pedagógicos e princípios sociais. Uns e outros se entrelaçam para efetuar a renovação da escola. Em uns e outros terão de firmar os servidores da escola ativa, para fim de garantir o regime da democracia, onde não se pôde tolerar o predomínio pessoal.

Cada professora da escola ativa deve representar, em relação á mesma, um exemplo para ser imitado, um reclame para atrair aproximação, um fruto para alimentar o ensino. Harmonizando a técnica do ensino com a simpatia pessoal na irradiação dos novos metodos, a professora conseguirá para a escola ativa o acolhimento cordial, a que esta tem todo o direito.

Eu desejava que a professora diariamente se detivesse um pouco para refletir sobre o seu ambiente escolar. Si ha uma pessoa que não pôde fechar-se dentro de si mesma, essa é a professora. Não lhe basta perscrutar a alma dos alunos, não também a dos que lhe são companheiros de trabalho. Essa reflexão será capaz de dar-lhe o tacto necessario.

Pela implantação da escola ativa tudo que se fizer será obra de benemerencia. Não é apenas um trabalho de técnica que se requer, mas também um trabalho de tacto. O discernimento da professora deve estender-se a todo o ambiente escolar. Naque las horas letivas ela ha de viver para a escola, esquecendo-se de si mesma...

FIRMINO COSTA

## O momento educacional em Minas

Discurso de paraninfo ás diplomandas do Coleto "N. S. das Dóres", de São João del-Rei  
Por NORALDINO LIMA

Eu quero agradecer-vos duas vezes o prazer que me proporcionastes convidando-me para vosso paraninfo — pelo fato, em si, de presenciarmos um desfile da inteligência como este, e porque o mesmo se realiza, precisamente, em uma data de tamanha significação para a vida desta grande e nobre São João del-Rei.

Satisfaço, pois, antes de tudo, o meu cordial dever, não de hospede, o que poderia parecer gentileza escusada, mas de mineiro, e mineiro que estuda e ama as cousas de sua terra com todas as veras dalmas, apresentando a esta formosa cidade meus entusiasticos cumprimentos pelo dia de hoje, cuja expressão historica é digna de ser assinalada.

Direi, com justiça, que São João del-Rei, além da verdade paradoxal que a velhice das cidades está na razão inversa de sua mocidade e beleza, bem merece, pela coordenação de todas as suas forças — morais, sociais e productoras — o alto relevo em que se tem colocado no concerto das demais unidades mineiras.

Da sua fisionomia fisica falou, com autoridade e insuspeição indispensaveis, o grande Saint-Hilaire, que, na sua peregrinação pela então provincia de Minas, após apreciar, alhures, os encantos peregrinos, mas austeros e selvagens do

nosso solo, estaca, embevecido, ante a paisagem risonha e serena deste vale delicioso que bem soube recordar-lhe a da patria distante.

Sobre a riqueza sanjoanense depõem seus campos, suas matas, suas quedas dagua, sua industria, seu comercio — instrumentos de projecção economica que tão brilhantemente desfruta o municipio, considerado, ainda sob este aspecto, um dos primeiros do Estado de Minas.

Na vida da intelligencia, notadamente no que respeita ao ensino, todos reconhecem a posição que esta cidade mantém, ampliada que se vê, cada vez mais, a sua tradição de cultura, de que é exemplo notavel este estabelecimento de educação, de cujos destinos, confiados á proficiencia das irmãs de S. Vicente de Paulo, ninguém tem o direito de duvidar, tão alta é a consciencia que guarda de sua missão esse pugilo de dedicadas servas do Senhor, que se vêm revesando aqui, na penosa e messianica tarefa de preparar as almas no sentido da virtude e do aperfeiçoamento.

Si esta casa pudesse falar, diria, por certo, como nos Psalmos, referindo-se a cada um dos obreiros que aqui respigam na seára santa: "Virtus mea!" Minha força!

Mas, não só debaixo do prisma material, esta princesa do Oéste, que vai marchando a passos largos para a realceza, se faz digna de nota: tambem no mundo espirital a sua posição se destaca, manifestada no sentimento de Deus, que singulariza o seu povo, sentimento tão bem concretizado na multiplicidade dos templos, que formam, todos, aqui, um conjunto magnifico de arte cristã, á frente essa maravilhosa igreja de S. Francisco de Assis — grito de fé, petrificado, entre dois impulsos: o humano e o divino, do homem erguendo os olhos para Deus, e de Deus baixando os olhos para o homem. Esse monumento, eloquente em suas origens e eterno em sua finalidade, representa, pelo motivo espirital que o determinou, a aliança, como no arco-iris do dilúvio, entre a creatura e o creador.

Salve, pois, São João del Rei: eu te saúdo, cheio de entusiasmo pelo teu presente e de grandes votos pelo teu futuro.

E estes sentimentos são tanto mais sinceros quanto é certo que eu os exteriorizo dentro de uma casa de educação, que é tambem um templo, e cujos degraus só podem ser galgados com o pensamento alto e o coração puro. E' com esta convicção que me ponho em contacto com a nobre fa-

milia humana que habita o Colegio Nossa Senhora das Dóres.

Para Froebel, a familia é o tipo da vida humana unificada; segundo anotação feita ao seu livro — "A Educação do Homem". A essencia trina da humanidade — luz, amor e vida — está individualizada no pai, na mãe e no filho, predominando a luz no primeiro, o amor na segunda e a vida no ultimo. "O centro de tudo é o amor, do mesmo modo por que a mãe é, a seu turno, o centro da familia. A luz pôde proporcionar existencia individual e conhecimentos, mas só o amor é capaz de tornar agradavel a vida". Tal a doutrina da escola froebeliana sobre o principio primario da unidade da vida, porque o elemento afetivo de nesso ser — o coração — é o que nos aproxima da divindade. Assim, no lar; assim, na escola. No lar, a irradiação do amor se faz através de um coração de mãe; na escola, opera-se através de um coração de mestra. Não sabemos, nem nos preocupa saber qual é maior; sabemos, porém, que, no conceito evangelico, Deus é amor, e todo coração — seja da mãe na vida do lar, seja da professora na vida da escola — todo coração capaz de amar, no sentido da alta inspiração deste verbo, é imortal na sua essencia e creador no seu palpar, porque tal coração tem um pouco do ritmo eterno dentro de si.

Medissemos, todavia, a extensão desses dois amores; verificassemos a sua grandeza e densidade, e acharíamos, certamente, que o amor de mãe é mais humano e o da mestra é mais divino.

A mãe ama pela necessidade de amar, pelo habito e pela força de amar; amando ao filho, ama a si mesma, á carne de sua carne, ao sangue de seu sangue; cumpre um destino, porque obedece, na floração de si propria, aos imperativos da especie, imperativos que fazem transfundir, como que num grande ser, unico e solidario, todos os seres que formam a cadêa universal da vida.

A mestra, não: ama de graça, sem a ligação da materia, nem a existencia do espirito: ama porque ha uma fatalidade, de outra ordem, meramente psiquica, a orientar-lhe os movimentos e os sagrados impulsos. O seu amor não tem calculos, não tem objetivos: é sem preço; é um grito sublime da natureza, cuja resonancia se encontra num futuro sem data. Eis porque a cathedra de uma professora, esteja em desusada eminencia ou no mais afastado rincão da terra, tem, na santidade que iguala todas as vocações para o

bem, a consistencia dos granitos que não quebram e a furação dos sóes que não se apagam.

Tenhamos boas professoras, a começar da escola primaria, e teremos em equação todos os valores da grandeza comum. A ordem social, como expressão de progresso coletivo, só pôde assentar-se na rocha viva da ideologia educacional, porque tanto as doutrinas sociais como as pedagogicas devem obedecer ao ritmo do mesmo sistema, como forças conjugadas, que são, no sentido do trabalho e da cultura.

Educar, eis tudo; mas como distribuir e aplicar o *munus* da educação? Estadistas e patriotas, sociólogos e pensadores: a que camadas levareis o contingente de vosso esforço e o prestígio de vossa atuação? Que é que vos deve mais preocupar — a educação do povo ou a das altas camadas? a massa anônima, o grande numero, ou a parte selecionada? Educar, eis tudo; mas orientar a educação, eis o X do problema.

Quanto a mim, se me fosse dado escolher entre as duas modalidades, opinaria pela educação popular, antes de tudo e acima de tudo, por ser mais humana, mais racional, mais igualitaria, aos invés da educação das *élites*, as quais, sendo condutoras, constituem casta, firmando-se o privilegio das minorias.

Dai, o meu entusiasmo pelo ensino primario, a minha simpatia pela professora primaria, e, pois, o meu pesar profundo toda vez que as contingencias do erario me impedem de referendar decretos abrindo escolas, multiplicando escolas, por todo o territorio mineiro.

Queixamo-nos sempre de ainda não termos tido, em materia de educação, o nosso homem-dinamo, o nosso homem-bandeira — um Horace Mann, um Sarmiento, um Varella, um Claparède, um Lunatcharsky. Nosso mal, porém, não está apenas no homem, porque a acção, a clarividencia, as boas idéas — tudo se acha em função do problema financeiro e este, insolúvel, permanentemente insolúvel, e ainda mais agravado pelos successivos abalos sísmicos da ordem constituida, assume diante dos homens bem intencionados aquella catadura da esfinge de Tebas a dizer o classico "de-cifra-me ou eu te devoro"...

A sistematização do ensino, a coordenação dos valores educacionais, a realização de um plano pedagogico integral que deça da chocadeira das idéas para o terreiro da realidade, ficarão sempre "para amanhã", enquanto as forças vivas do Estado, num sentido mais restrito, ou do país, numa

projeção mais abrangente do problema, não cooperarem para a eficiencia da cruzada, cujos objetivos são tão grandes, na ordem terrena, como os que animaram, na ordem espiritual, os defensores do Sepulcro.

Quem quer que se bata por um ideal tem a cruz de Christo no seu escudo e a bravura de Godofredo no coração. Sejamos, pois, idealistas, senhoras diplomandas; não desse idealismo piégas, que, pondo os olhos do filosofo nos astros, levou os seus pés para dentro do poço. O idealismo a que me refiro, sem o qual não haverá professores dignos de tal nome, é o que não se vende, nem se avilta, não se reduz, nem se amesquinha, não se apouca, nem se constringe; idealismo de que só são capazes os verdadeiros homens, no sentido generico; e só são homens — disse Maximo Gorki — os que se atreve ma olhar de frente o sol.

A moeda do ideal é unica — não se azeitava, nem se desvaloriza, não se recolhe, nem se falsifica.

Que ela seja a vossa riqueza no desempenho da missão que escolhestes. Podeis distribui-la á vontade, com os vossos alunos, com as vossas colegas, com as pessoas de vosso trato: ela não se extingue; é chama que não se apaga, si tem a aquece-la um coração eleito e cheio das latecencias da fé. Foi para vós que Ingenieros escreveu estas sugestivas palavras: "Todo aquele que tem um ideal ou uma missão na vida, grande ou pequena, é um heróe quando sabe ir ao seu fim com boa vontade, todos os minutos, todos os dias, todos os anos".

Ide ao vosso fim, pelo ideal e para o ideal — o ideal do ensino, o de clarear as almas que precisam de luz e abrirem caminho aos que precisam caminhar.

Quero para vós esse ideal, e que êle se alargue no vosso espirito como a queda maior dessa admiravel cachoeira do Carandaí — estreita no começo e rasgada no seu arco de espuma sobre o abismo, formando, no espaço, o majestoso leque de perolas liquidas com que se abana e refresca, entre rochas eternas, a natureza vaidosa destes sitios encantados.

Ide ao vosso fim. Sêde educadoras. E si cumprirdes, como tudo prenuncia, a vossa missão, tereis, de frente alta, ao lado dos que pensam, dos que agem, dos que amam e dos que lutam, construído, comnosco, a nossa Babel — não a torre da confusão, simbolo do orgulho abatido no campo de Sanaar, mas a Babel — ideal a um tempo humano e divino, erguida para o azul, ponto de ligação perene entre o ancio do homem na terra e a benção de Deus no céu.

Discurso de paraninfo ás diplomandas do Colegio  
"Sacré Coeur de Marie", da Capital

Por MARIO CASASANTA

Venho trazer-vos uma palavra amiga, nesta hora seria de vossa vida. Fazei de conta que chegastes a uma encruzilhada misteriosa, para onde convergem varias estradas, e que estais a escolher a melhor estrada para seguirdes. Por acaso eu me encontro tambem, nessa encruzilhada, e é a mim, que nela me acho ha mais tempo, com a dolorosa experiencia e com o pesado fardo das decepções, que vos dirigis, para vos orientar:

—Fizemos até aqui o nosso curso de estudantes. Corremos grau por grau as varias fases da preparação do professor entre nós. O curso primario, o curso de adaptação, o curso normal propriamente dito. Perlustramos, com afinco, as varias materias que compõem esses cursos. Sabemos, assim, o que vamos lecionar. Mais ainda: com o estudo de psicologia infantil, conhecemos as linhas gerais desse material vivo e palpitante em que vamos trabalhar, como tambem, com o estudo da metodologia, familiarizamo-nos com os metodos, processos e modos de ensino que a ciencia e a experiencia nos recomendam por excelentes. Queremos saber agora para onde vamos, com toda essa bagagem.

As poucas palavras, que pude alinhavar á pressa, para esta conversa convosco, pretendem dar uma resposta á vossa inquietação.

### O ENSINO PRIMARIO EM MINAS

Antes de tudo, convem fixar bem o momento educacional em Minas.

Que fizemos?

Que estamos fazendo?

Que vamos fazer?

É certo que, sem determindar o rumo que a nossa politica educacional pretende e procura, nada se pôde decidir. Nós fazemos parte de uma legião de professores. Nós pertencemos a um aparelhamento. Obdecemos a um sistema, que nos marca um lugar, para o occuparmos, e nos dita ordens, para as seguirmos. Como comprehendemos a extensão e a direção de nossos esforços, sem uma aturada ponderação da organização de que fazemos parte?

Para tanto, é indispensavel que compulsemos, com cuidado, os nossos regulamentos e programas, para lhes

apreendermos bem o espirito. A recomendação não é ociosa. A maioria dos professores não lê os regulamentos. Desses regulamentos apenas lêem tal ou tal dispositivo que se relacionam com os seus direitos. Qualquer direito que lhes assista, por pequenino que seja, não lhes passa despercebido. Sabem de cór os artigos e paragrafos onde estão. Mas o capitulo dos deveres, esse consideram-no de relance, quando se imprime o regulamento, se o consideram, e não podem, por conseguinte, fazer caso das recomendações que traz.

Ora, um regulamento não é apenas o fruto de um trabalho de gabinete, consoante geralmente se considera. Um regulamento, na pior das hipoteses, é uma compilação: apanha daqui e dali o que parece melhor e mais adequado ao nosso meio. Apanha o sentido do ensino, nos paises mais adiantados, assim como as instituições, medidas, praticas e processos que mais comumente se consignam no aparelhamento educacional desses paises.

Isto posto, em qualquer circumstancia, o regulamento deve ser lido, em ordem a ser bem aplicado. Em nosso caso, porém, é indispensavel ter presente ao espirito que os nossos regulamentos, apesar de pequenos defeitos em algumas particularidades, souberam traduzir bem as exigencias e as tendencias da civilização contemporanea e, por isso mesmo, apontar-nos um sentido claro, racional e científico.

O sr. Francisco Campos, que traçou o nosso sistema educacional, com a sua poderosa enfiatura de estadista, escreveu de proprio punho — a parte por assim dizer nuclear e substancial dos regulamentos de ensino normal e primario, e é á luz dos criterios que assentou — que devem ser estudadas e analizadas as modalidades da execução. Eu disse que havia defeitos em pormenores. Esses defeitos de fato existem, nesta ou naquela disposição mais particular, e que são defeitos, salta á vista, com a simples contrastação dessas disposições com as disposições centrais dos regulamentos, aquelas que de fato marcam rumos e traçam normas definitivas, para a ação.

Essas normas definidoras da caminhada — acham-se consignadas, na Parte VII, Titulo II, do Regulamento do Ensino Primario.

Desse capitulo, que, por ser verdadeiramente notavel, merece a vagarosa ponderação dos professores — deduzir-se-á, sem esforço, como os homens publicos de Minas conceituam a escola, e a educação e quais os processos que recomendam como proprios para atingir os objetivos.

É assim que a escola mineira não visa apenas a instrução, mas a educação; que define a educação como o processo do desenvolvimento físico, mental e moral das crianças; que repele o erro inveterado de não se considerar a infância como um momento peculiar da vida, com os seus motivos e interesses peculiares, de todo ponto diversos dos adultos.

Por outro lado, situa a escola dentro da vida real. De acordo com os termos textuais do Regulamento, a escola primária deve "ministrar-lhes conhecimentos que possam ser utilizados nas suas experiências infantis, tendo por princípios que só as noções susceptíveis de serem utilizadas nas operações ordinárias da vida se incorporam, efetivamente, como hábitos mentais, aos seus conhecimentos".

Definindo a educação, refere-se ao desenvolvimento físico, mental e moral das crianças. Não põe de parte, porém, o desenvolvimento social, que tamanha importância vem tomando, em nossa vida. Ao contrário. "A escola, diz o artigo 251, não se destina apenas a ministrar noções mas é também uma forma da vida em comum, cabendo-lhe preparar a criança para viver na sociedade a que pertence e a compreender a sua participação na mesma, para o que é indispensável introduzir-se na escola os usos e processos da vida em comum, transformando-a de *classe sem sociabilidade* em uma sociedade em miniatura".

Afinal: O Regulamento do Ensino Primário define nitidamente a orientação que deve o professor imprimir ao seu trabalho. Com os critérios que assenta, de forma clara e inofismável, — o professor consciencioso para logo compreende que tem de fugir dos vícios da velha escola, tem que estudar os seus alunos, tem que desenvolvê-los, pondo em prática as mais adequadas formas de ensino, tem de levar em conta os interesses, as tendências e as necessidades próprias da infância, tem, finalmente, que fazer ensino ativo, com a mais ampla participação dos alunos e continuado apêlo ao seu sentimento de responsabilidade.

#### COMO AGIR

Como agir, entretanto, para alcançar esse ideal? Buscando nos mestres o que a ciência e a experiência têm acumulado sobre o assunto e, mais do que tudo, procurando pôr em prática o que recomendam e ensinam.

De nada vale saber e aceitar os princípios, se eles não influem na realidade. É o que estamos presenciando, a

cada passo, e não vejo problema mais grave, atualmente, entre nós.

Com efeito, o mais grave problema do nosso ensino, neste momento, entre nós, como do ensino em geral já afirmou um autor norte-americano, é a separação que existe entre os princípios pedagógicos e a prática escolar.

Por intermédio de todos os instrumentos de vulgarização de que dispõe atualmente o organismo escolar, como os cursos de aperfeiçoamento, as escolas normais, as revistas, os dias de leitura e todos os meios postos em prática, entre nós, para divulgar esses princípios, — os professores adquirem certas convicções reais. São os conceitos da liberdade, o apelo à personalidade do aluno, o desenvolvimento de determinadas qualidades até hoje negligenciadas, quando não esquecidas, como a iniciativa, a cooperação, o desassombro, o sentimento de ordem, o domínio de si, o sentimento de autonomia, ou as virtudes de "leader".

Os professores chegam a estas convicções, mas o ensino continua no mesmo tom antigo.

Fala-se em responsabilidade, mas a única que todo o mundo tem é cumprir, ponto por ponto, o que diz o professor. O professor escolhe a matéria, escolhe a hora, escolhe o papel, e até a cor do lapis.

Fala-se em cooperação, mas aí daquele aluno que tentar cooperar com outro na feita de um exercício, na elucidação de uma dificuldade e até mesmo no ato vulgar de fraternidade humana que é emprestar uma caneta! A vigilância do professor lho impedirá.

Fala-se na necessidade de desenvolver a linguagem oral, e, entretanto, o aluno não tem oportunidade de conversar com os companheiros, porque, na escola, só o professor pôde falar, e o aluno só fal aquando interrogado.

Fala-se na necessidade da formação de cidadãos concientes, capazes de pensar e de formular um juízo com independência, sem consideração de padrões. Entretanto, desde o talhe da letra até o modo de cumprimentar, os alunos têm que seguir os modelos tradicionais, transformando-se, não em cidadãos, mas em meros acampanhadores. Prepara-se, assim, uma massa de indivíduos sem consciências livres, prontos para obedecer aos chefes truculentos de todos os tempos.

É indispensável, pois, que os princípios hauridos nos livros passem a fecundar a prática, não se repetindo aqui o que a sabedoria popular diz de "Frei Tomás, que préga e não faz".

## O BOM ENSINO

Só conciliando a doutrina com a pratica, por forma que os principios não fiquem separados da ação, é que se poderá realizar o bom ensino, tal qual se exige em nossos regulamentos.

O Regulamento do Ensino Primario, já o vimos, especifica as linhas gerais do que deve ser o ensino entre nós. O bom professor, porém, não se ha de restringir, na sua orientação pedagogica, a alguns artigos e paragrafos, por mais sabios que elles sejam.

E' indispensavel que busque nos mestres uma interpretação mais segura e precisa da tarefa pedagogica, obedecendo ás exigencias do mundo contemporaneo, bem como aos processos que se devem pôr em pratica, de acôrdo com os objetivos em vista e as peculiaridades da psicología infantil.

Só assim o professor fará o bom ensino, que principalmente se caracteriza pelo aproveitamento dos interesses instintivos dos alunos, pelo reconhecimento das diferenças individuais, pela medida objetiva das possibilidades individuais e do desenvolvimento de cada um, assim como pela observancia das leis do ensino, isto é, as leis da predisposição, do exercicio e do efeito.

Tudo isso demanda longo estudo, demorada applicação. Todo o conjunto da vida escolar tem de ser modificado. Quasi todas as velhas praticas — repudiadas.

Um novo conceito de programa, de horario, de disciplina, modo de preparar as lições, de aprender as lições, de medir o resultado. Um novo processo de julgamento, com a extinção absoluta dos exames.

Em suma: toda a organização escolar tem que ser modificada e revista, de acôrdo com os novos criterios e em vista dos objetivos fixados.

## A CAMINHO DO IDEAL

A tarefa é difficil e pesada.

Nós não estamos preparados para ela, porque o nosso ensino tem sido feito, tradicionalmente, de *palavras* e com *palavras*.

Desconhecemos a psicología infantil, temos da infancia uma idéa livreca e abstrata, e as nossas técnicas de ensino — não se têm aproveitado dessa contribuição poderosa

e indispensavel, que só o conhecimento das crianças pôde dar.

Criaturas educadas á moda antiga, com as mesmas rotinas, conceitos e preconceitos da velha escola, nós levamos, involuntariamente, para as nossas classes, a mesma attitude, o mesmo tom de voz, o mesmo gesto rispido e autoritario, o mesmo severo programa de trabalhos, a mesma concepção autocratica da escola — dos mestres de há dezenas de anos atrás.

Assim, nós ensinamos como os nossos mestres nos ensinaram, os nossos nos ensinaram como os seus mestres os ensinaram, e estes mestres, por sua vez, ensinaram como os seus mestres. O que quer dizer que ha, em nossas aulas de hoje, sem embargo das reformas do ensino, uma boa percentagem de ensino velho e relho, que tem o bafio de há tres seculos atrás. . .

E' que os principios, os preceitos, as regras de conduta pouco valem, quando, pela ação, praticamos atos e adquirimos habitos, que os contrariam. Por outro lado, os proprios regulamentos, as proprias autoridades escolares, o formidavel patrimonio de antigualhas, praxes e precedentes, que constituem o lastro permanente das administrações, —constrangem a liberdade e a iniciativa dos professores, impondo-lhes minusculerias ridiculas, humilhando-os com questiunculas administrativas, numa fiscalização inquisitorial, com grande consideração no que toca á parte formal e burocratica e com absoluto desdém pelo que toca á parte técnica.

E' uma pesada muralha de tradições, de obstaculos, passados, presentes e futuros — e a ela se deve ajuntar o espirito de rotina dos professores, que não querem saber de novidades e que desejam apenas levar o barco como vem vindo. Tambem os pais não querem saber de novidades, nem de experiencias. Alguns aborrecem profundamente a nova orientação. Não comprehendem, por exemplo, que se aprenda a ler sem o estudo do alfabeto. Não admitem que os filhos se submetam a certas atividades, como dar recados ou varrer uma sala. Não comprehendem a educação, sem o castigo fisico.

— Nós aprendemos assim.

— Apanhamos muito, mas somos hoje excelentes.

— Rui Barbosa não fez excursões. . .

Que deve o professor fazer diante dessas difficuldades, partidas justamente da parte de quem só devia auxiliá-lo e ampará-lo, como são os pais e as autoridades escolares ?

Que devem fazer?

Achais que devem cruzar os braços ?

— Nunca.

Que não devem pretender ser mais realistas do que o rei ?

— Nunca.

Que não devem abalançar-se a iniciativas?

— Nunca.

Que devem seguir a rota batida e trilhada por todos os seus mestres?

— Nunca.

O bom professor e, sobretudo, o professor católico, obediente à mais alta lei da vida cristã, que é a do aperfeiçoamento contínuo, tem que caminhar em direção do ideal, sem embargo de todos os tropeços.

Que o pode fazer não deve haver dúvida. Com efeito: que administração, por mais estreita, pôde impedir que o professor prepare quotidianamente e cuidadosamente a sua lição? Que pais, por mais exigentes, podem impedir que o professor compulse e medite uma boa obra pedagógica? Que programa e que horário, por mais absorventes e minuciosos, que não permitam ao professor respeitar a personalidade dos alunos, tratá-los com brandura e polidez, dar-lhes exercícios adequados, empregar processos aperfeiçoados de ensino e apelar para o seu sentimento de responsabilidade?

Não procuremos pretextos para a nossa fraqueza de animo. Seja qual for a situação em que esteja colocado, o professor pôde e deve caminhar no sentido da escola mais humana, mais sensata e mais fecunda, que a *élite* dos pensadores, dos professores e dos políticos assinala, neste momento doloroso da humanidade, como própria para formar os novos homens para os novos problemas que vêm surgindo dia a dia, numa sucessão infinita de surpresas.

E' o que vos quero dizer, boas amiguinhas, neste áto bom de vossa vida: aprendamos a boa doutrina, pratiquemol-a, com energia e perseverança, não obstante todas as dificuldades, e aproximemo-nos, de momento a momento e passo a passo, do elevado ideal que lá está á nossa frente, no ponto mais alto e mais distante que a nossa consciencia pôde abranger.

Caminhemos para o ideal, sejamos leais ao nosso ideal e não o sacrificuemos pelos pratos de lentilha que a vida nos oferece. Ai do homem sem ideal! Se os defuntos se levantassem da sepultura, mesmo sem alma, e se pu-

sessem a caminhar pela terra, mudos, sêcos e insensitivos, dar-nos-iam bem a imagem do que seriam os homens sem ideal.

Mas vós o tendes belo e vigoroso. Sois alunas de Jesus Christo, o mestre dos mestres, cuja prégaoção maravilhosa é uma incomparavel lição de perfeição. Batei-vos para realiza-lo e dáí a êle todas as energias de vosso corpo e de vosso espirito, certas de que, assim agindo, haveis de iluminar a consciencia dos homens e de consolar as agruras dos homens, sobre a casca dolorida e dolorosa da terra...

Discurso de paraninfo ás diplomandas do Colegio "N. S. Auxiliadora", de Ponte Nova

Por GUERINO CASASANTA

## A ESCOLA ATIVA E A ESCOLA CRISTA

O sistema educativo que dominou e ainda domina e predomina em nossas escolas é o afastamento da criança de seu meio social. A vida escolar tem isolado a criança, cercando-a de imagens mortas e inexpressivas, de noções distantes da realidade, de conduta estranha á vida. Vivendo num ambiente artificial, gastando as energias fortes em enfadar-se e aborrecer-se, a criança sofre as mais contraditorias reacções da familia, da escola e da rua.

Cada um desses agentes atua diferentemente sobre a alma infantil, apertando-a em contradicções e paradoxos, reduzindo-a e deformando-a, comprimindo-a e relaxando-a, de sorte que, na vida adulta, o seu fracasso é certo. Pelo menos, quasi nunca conseguem as crianças dar o que prometiam suas aptidões e o que permitiam suas possibilidades. Quer dizer: se um individuo vence, mesmo educado na velha escola, venceria mais depressa e com maior vantagem se suas forças tivessem tido uma direção inicial sabia, se se desenvolvessem e progredissem dentro de um ambiente favoravel ao seu crescimento mental.

A preocupação dos homens para com a educação popular vem de longe. A conduta humana tem sido objeto dos mais assinalados esforços desde os primeiros tempos da Grecia e de Roma, aumentando de intensidade em nossos dias.

Os Romanos, tendo em vista um fim pratico, procuravam formar o soldado e, por isso, queriam, antes de tudo, o cidadão romano forte e combativo. Esparta queria fazer espartanos, no sentido da enfibratura fisica e da resistencia

guerreira. Atenas procurava a harmonia entre o cuidado do corpo e o desenvolvimento do espirito.

Uns e outros cuidavam da educação, inspirando-se nas contingencias e nos acidentes de sua vida presente, fazendo a criança viver as agruras, as dificuldades, os combates que caracterizavam sua existencia.

### A ESCOLA ATIVA

Censuravam a Claparède dizendo que na "*Maison des Petits*" os meninos faziam o que bem queriam.

— Não — respondeu o grande sabio — os meninos nesta escola não fazem o que querem, mas querem o que fazem.

Ai está uma definição exata da escola ativa, tão combatida por todos aqueles que lhe não conhecem a finalidade.

Já dizia Seneca, há bons seculos passados, que aprendemos pela vida e não pela escola. Examinando os interesses infantis, ensinando de acôrdo com as suas tendencias e inclinações, tornando as crianças participantes no trabalho de sua propria educação, a escola ativa procura organizar a sua personalidade dentro da vida.

Posso ter exagerado — diz Dewey — no estabelecer as bases caracteristicas da antiga educação: a passividade de sua attitude, o seu manejo mecanico da criança, a sua uniformidade de programas e metodos. Na velha escola o centro de gravidade da educação pode estar no mestre, no livro e em qualquer parte, menos na propria criança. Sobre estas bases, pouco se poderá dizer da vida do menino. A troca de papeis que a nova escola procura efetuar põe na criança o ponto de partida da educação.

A criança, pois, ao inverso do que foi na velha escola, é o ponto de partida, o centro e o fim. O ideal é o seu desenvolvimento e o seu crescimento. O ideal não é que a criança acumule conhecimentos e, sim, que desenvolva suas aptidões. O verdadeiro estudo é um processo ativo que desenvolve o espirito. é uma assimilação organica, cuja origem é interna. (J. Dewey).

A escola ativa, pois, quer pôr em atividade todas as energias das crianças, energias que se hão de desenvolver e progredir dentro de um ambiente natural, em situação real de vida, de modo que a criança, vivendo, aprenda e, aprendendo, trabalhe.

Não se prepara uma criança para a vida: a escola ativa prepara-a dentro da vida, sugerindo-lhe oportunidades e motivos para que exercite suas qualidades, cooperando com os outros, adquirindo vitalidade, ganhando atitudes de vida na escola.

A antiga escola — diz Dewey — tinha por lema: direção e fiscalização. A escola ativa quer: liberdade e iniciativa.

A liberdade tem seus limites, e a socialização da escola traça-lhe os rumos e os fins. As iniciativas têm de constituir uma das colunas mestras da escola ativa, por serem a sementeira de crescimento das crianças, que ela tem por fim promover.

A criança não pôde ser um receptaculo, que aceite passivamente. Ela tem de ser "algum", tem de "viver" na escola. O mestre — ao contrario do que se possa julgar — assume na escola ativa o seu verdadeiro papel, dirigindo, orientando, canalizando as atividades das crianças, usando os metodos adequados, fazendo de sua sala uma escola viva, centro de trabalho, irradiação de alegria.

O mestre — diz Dewey — deve ser sempre capaz de ver para que uso immediato devem ser ordenados os interesses da criança. Sem conhecer as diretrizes e os rumos que devem seguir os interesses, o professor não poderá fazer obra apreciavel.

A escola — diz Badley — não deve, ser, apenas, um lugar de instrução, mas, principalmente, um lugar de adaptação. Deve ter em mira a propria vida, isto é, aprender agindo, aprender vivendo.

Conclue-se, facilmente, que a obra educativa se destina a fazer a criança "viver" a escola, examinando pessoalmente os problemas, intervindo em sua propria educação, exercitando suas atividades com a participação direta na vida escolar. Aprende não para viver. Aprende dentro da vida, acentuando a personalidade dentro de seu meio, iniciando já o trabalho futuro de adaptação, através das associações escolares, bibliotecas, excursões, brinquedos, projetos e mil outras atividades de nossas escolas.

Tudo isso "socializa" a criança, não sómente proporcionando-lhe campo aberto para as suas iniciativas, em que o mestre deve cooperar, retificando, dirigindo e estimulando, mas sobretudo dando-lhe ensejo de adquirir o espirito de colaboração, trabalhando com os companheiros, e as normas de cortesia e respeito, agindo em sociedade.

A desconfiança predominante no que toca a métodos modernos não se justifica. A sua prática, talvez, tenha lançado uma certa confusão nos espíritos, colocando-os em atitude de reserva e quasi-quasi de reprovação relativamente aos fins que a escola visa alcançar.

Dentro do conceito que rege a escola, cabem amplamente as idéas espirituais, que constituem, hoje, a inquietação do mundo pensante. Se a nossa atualidade se caracteriza pelo problema espiritual, que congrega a atenção dos países civilizados, e sendo a escola a própria vida, não vemos por onde separá-lo da escola, e, portanto, das cogitações dos alunos.

A escola tem que examinar os problemas do momento, encaminhado o pensamento infantil para o seu estudo e para a sua solução.

Sair daí é voltar e retroceder.

Fixemos, pois, as diferenças para bem compreender o problema:

1) O conceito tradicional da educação, como mera preparação para a vida ulterior, trazia consigo um certo menosprezo para a vida infantil. Era ela considerada como um período transitório, imperfeito. Para isso cumpria aliená-la afim de que a criança adquirisse, quanto antes, os caracteres do adulto.

2) A escola moderna quer que a criança seja realmente criança, viva como criança, aprenda como criança e seja considerada como criança. Em uma palavra — diz Claparède — a escola deveria ter por função geral prolongar a infância ou, pelo menos, proteger seus caracteres próprios e exclusivos.

A criança, pois, aprende não para o futuro, mas para o presente e dentro do presente.

A sua vida ulterior será uma mera transição, pois a criança irá enfrentar problemas já familiares e conhecidos; não terá que aprender nos manuais de bom-tom, pois já praticou na escola; trabalhará na sociedade desembaraçadamente, porque já cooperou na escola; não quebrará a cabeça, não aprenderá a sua custa — como diz o povo — pois levará para a vida prática boa experiência.

Ensina-se, pois, para que a criança aprenda vivendo e não para viver.

### A escola cristã

Vimos, em ligeiras palavras, os objetivos da escola ativa. Vejamos alguns característicos da escola cristã.

A pedagogia cristã não foi e não é contrária ao desenvolvimento das atividades das crianças. O ensino de Jesus foi quasi sempre objetivo e atendia sempre aos princípios apreçados pela escola ativa.

1) *Ambiente natural* — Jesus ensinava à margem dos rios, no cimo dos montes e à beira dos lagos.

“Simão Pedro viu Jesus andar sobre as águas do lago e quis imitá-lo — diz Papini. E Pedro, decendo da barca, começou a andar sobre as águas, ao encontro de Jesus. Mas, amedrontou-se com a violência do vento e, afundando já, exclamou:

— Senhor, salve-me.

Jesus, estendendo-lhe a mão, agarrou-o e disse:

— “Porque duvidaste, homem de pouca fé?”

2) Jesus dava os seus ensinamentos dentro da vida, em situação real.

“Estava Jesus ás portas de Naim — a bela — repousado no vertice de uma colina, proximo de Nazareth. Levava-se para a sepultura um moço, filho de uma viuva. Esta perdera ha pouco o marido, e agora levavam-lhe o filho. Jesus viu a mãe entre as mulheres, chorando, consternadamente, o pranto atonito e contido das mães. Possuira no mundo apenas dois homens para amarem-na: ambos morreram, um após o outro e ficára sózinha, sem marido, sem filho, sem apoio, sem o consolo de partilhar com outrem a sua dor. Perdera estes dois amores simples: a lembrança da sua juventude, e a esperança da sua velhice. De agora em diante, ninguém mais lhe beijará o rosto. Jesus emocionou-se de compaixão. Este pranto era uma queixa.

— Não chore mais — disse-lhe. Aproximou-se do eufite e tocou-o com as mãos.

— Moço, levanta-te. Não é mais tempo de estar deitado. Dormes tranquilo e tua mãe se desespera. Levanta-te”.

A lição foi concreta, e as suas testemunhas “viram” com seus olhos o milagre.

3) *Dentro da vida* — Aos apóstolos, depois de torná-los testemunhas ativas de seu apostolado, ordenou-lhes que fossem afim de ensinar a todas as gentes. Ensinar de que maneira? Incutindo-lhes uma fé maravilhosa, fé operante e viva que encheu de coragem milhões e milhões de mártires. O sangue dos cristãos não foi derramado cegamen-

te; animava-lhes a consciencia uma disciplina magnifica, ativa, resistente — disciplina que foi grande, por ter seus fundamentos na alma.

Jesus conhecia os homens. Vejamos este trecho de Papini.

"Instruem-se as crianças com apologos, os simples com historias; ora, estes são homens rebeides como os simples e ingenuos como as crianças. Falava-lhes, pois, por parabolas, isto é, por uma linguagem ilustrada de fatos que, por isso mesmo, lhes é familiar e mais facil".

E assim opera o milagre de comunicar as mais altas verdades por meio de narrações familiares, simples e tão cheias de graça, que resplendem ainda, após vinte seculos, com esta mocidade unica que é a eternidade.

#### *O espirito contemporaneo*

Procurando e pesquisando nas paginas do Evangelho, encontraremos os verdadeiros processos que Jesus usava para falar á alma dos homens. A sua voz simples penetrava as almas, abrasava os corações.

A maxima inquietação dos homens de hoje está em compreender a vida futura, em resolver o problema de nosso destino e, é digno de nota como depois de muito pensar, os sabios se abrigaram debaixo da Cruz, como o melhor e mais eficaz arrimo.

Na Europa e em todo o mundo o renascimento religioso é um fato.

A escola quer, justamente, colocar a criança em condições de examinar imediatamente os grandes problemas. A escola terá de estudá-los desde já, afim de que os homens de amanhã os resolvam. Que antagonismo poderá haver entre a escola da atualidade e o problema religioso? Em que ponto a escola ativa não comporta a escola cristã? Porque Jesus Christo não pôde figurar na série dos problemas?

Se é certo que a educação não pôde parar, sem que a civilização sofra um colapso, não é menos certo que a questão espiritual não pôde sair da escola, sem que esta se aniquile.

E' claro, pois, que a escola ativa — tão amplamente praticada na Igreja — nada tem de opposição á escola cristã.

Queremos formar personalidades capazes de agir e viver; queremos crianças completas, isto é, educadas dentro

da vida social e religiosa; queremos tornar a vida das crianças mais rica e mais bela; queremos amplas oportunidades para que cada uma produza tudo quanto fôr capaz; queremos uma geração feliz, trabalhadora e honesta; queremos a paz entre os homens; queremos uma vida espiritual que dirija os homens para Deus.

Não serão as mesmas as idéas da escola cristã?

Fazer — diz Papini — é a unica coisa necessaria. E' nessa palavra que reside um dos principais objetivos da escola ativa.

De que vale a fé sem obras? Alguns respondem "sim" aos mandamentos, mas não trabalham. O trabalho é outro ideal da escola moderna.

#### *A Legião da Esperança.*

Sois vós, senhoras normalistas, a legião da esperança. No vosso futuro magisterio atentai bem para o ensino de Jesus, pelo qual a criança é objeto de um amor especial.

Examinai as suas tendencias, estudaí os seus interesses, compredeí a sua alma e o seu coração. Descei até elas e fazei da escola uma fonte de prazer, constituindo um ambiente de alegria e espontaneidade. A escola ativa, sendo cristã, deve proporcionar a felicidade, e isto podereis fazer magnificamente.

Que Deus encha o vosso magisterio de frutos, o vosso caminho, de flores, o vosso coração, de bondade, e o vosso espirito, de luz.

Discurso de paraninfo, como representante do sr. Noraldino Lima, Secretario da Educação, ás diplomandas do Colegio "Sagrado Coração de Jesus", da Capital

Por MAURICIO MURGEL

"Sou o primeiro a lastimar a ausencia do sr. Secretario da Educação, dr. Noraldino Lima, paraninfo escolhido pelas diplomandas desta casa.

Foi-lhe, porém, impossivel dispor o plano de seus multiplos deveres de sorte a estar aqui neste momento.

E, querendo, generosamente, distinguir um de seus soldados na obra grandiosa da renovação das escolas mineiras, agora de novo em fase de franca realização, sob seu impulso e sua inspiração elevada e esclarecida, determinou

que o representasse um dos membros do corpo tecnico de assistencia ao ensino. E accentuou desde logo que se reiterrassem seus agradecimentos ás jovens normalistas e a todos se apresentassem suas desculpas pela falta involuntaria.

Reconheço a desproporção entre o paraninfo e o seu representante. Mas espero me relevem não ter sabido resistir, não só á honrosa decisão do sr. Secretario, senão tambem ao prazer de assistir á partida do novo contingente de professoras, que já conheço e admiro, aparelhado por esta Escola Normal, para o serviço do ensino em nossa terra.

Prezadas colegas, não sou pessimista. Mas entendo que é do meu dever, ao cerrardes fileiras ao nosso lado, comentar convosco, serenamente, aspétos da realidade que vos espera.

Serão manchas talvez, a tismarem desagradavelmente o fulgor desta hora.

Mas dia virá, sem duvida, em que, lá fóra, já no aceso da luta, não vos parecerão de todo inúteis, nem de todo condenaveis, as palavras que o sincero desejo de vos servir não me permitiu que vos occultasse.

Senhorinhas, levais convosco noções pedagogicas que brigam com as velhas idéas dominantes em nossas escolas e entre os pais de vossos discipulos futuros.

Não vos será facil difundir-las e implantá-las. Surgirão resistencias. E sob mil formas diferentes. Hostis e agressivas ou insidiosas e mansas.

—Aqui, é o professor que sempre conheceu e sempre praticou a escola ativa. Muito antes de nascerdes. Tudo que aprendestes como novidade é velharia para êle. Foi sempre assim que ensinou. Nem se dará ao trabalho de abrir os livros que citardes. Não os conhece, é verdade, mas naturalmente nada lhe diriam de novo...

—Ali, é velho mestre, que já se não anima a romper os habitos adquiridos, fortemente arraigados, e que, aturdido diante de tanto conceito desconhecido, esbraveja, zangado, contra as inovações e contra os inovadores, que lhe vieram turbar o repouso de espirito em que se deliciava e pôr em xeque o prestigio de pedagogo que firmara em longos anos de esforços e canceliras.

—Encontrareis tambem a cada passo a pseudo-prudencia. Concorde inteiramente com as novas doutrinas pedagogicas. Mas não as põe em pratica, isto não.

Para tanto ser-lhe-ia indispensavel um curso especial na America do Norte, na Belgica ou na Suissa...

Ou, então, admite sem duvida as novas diretrizes; por certo que as admite, mas reconhece, com tristeza, que se não adaptam ao nosso povo e ao nosso país, e que, infelizmente, delas se colhem bons frutos exclusivamente com discipulos estrangeiros e em climas que não o nosso.

Conhecereis, por outro lado, inevitavelmente, quem se levante contra as novas praticas em nome de sua longa experiencia pessoal, adquirida, o mais das vezes, ao léo das circunstancias e sem nenhuma preocupação scientifica; em que quasi nunca houve sequer o proposito de observar e registrar honesta e meticulosamente os fatos que se desenrolassem.

Como se nós não falassemos em nome de experiencias muito mais valiosas, porque rigorosamente controladas, e a que estão ligados nomes de projecção mundial nos dominios da pedagogia...

Mais além, será aquele outro que repele tal metodo ou processo de ensino, porque da applicação dele, que levou a efeito, os resultados surdiram desanimadores.

Como se não estivesse, muito provavelmente, no experimentador ou na applicação mal feita a causa real do insuccesso...

—Acolá, é o diretor que aplaude a iniciativa que tivestes, que vos promete colaboração no empreendimento que ides tentar, e que, á socapa, conciente, talvez, do mal que daí decorrerá para o ensino, para os alunos e para vós mesmas, solapa a experiencia em andamento, para alardear depois o fracasso final, que no intimo sempre desejou.

Ou é o diretor que seleciona, para composição das classes em que pretendeis introduzir as novas praticas pedagogicas, os piores elementos das demais.

—E deixemos á margem, para que se não alongue demais este aranzel, a resistencia dos pais mal informados ou tendenciosamente informados a respeito da escola ativa.

—Emfim, é a incultura, é a vaidade ferida, é o ciúme, é o comodismo, é a má fé, é o misonicismo e é não sei que mais...

Não teria fim a serie de aspétos sob os quais se apresenta a resistencia a renovação de nossas escolas.

Mas, não vos atemorizeis, senhorinhas. As resistencias surgirão a cada passo. Mas não será impossivel removê-las ou quebrá-las. Para tanto, porém, urge que vos armeis convenientemente. Não de presunção. Não de intolerancia. Não da certeza illusoria de que possuis todos os

segredos da técnica pedagógica ou de que só vós podeis possuí-los. Não de menosprezo por quanto seja tradicional.

Tende sempre presente na memória que na escola que ainda temos nem tudo é máu.

Antes, ha muito que aproveitar; e ha, principalmente, na falange dos professores de longo tirocinio, elementos de alto valor intelectual, cultural e moral. Acereai-vos destes, que são numerosos. Não vos negarão a colaboração preciosa. Pelo contrario, na sua superioridade de professores autenticos, hão de esalmentar o vosso entusiasmo, aplaudir os vossos planos, participar, talvez, de vossos sonhos de renovação, pondo sempre á vossa disposição, discretamente, as lições que receberam da vida, dentro ou fóra da escola. São pontos de apoio indispensaveis para a reconstrução almejada.

E, mesmo para com aquêles que vos agridam violentamente, é mistér conserveis a serenidade dos espiritos superiores, que vos virá da compreensão clara dos moveis que na realidade os impulsionam e do desejo louvavel e unico, que vos deve então animar, de levar á victoria as vossas idéas, sem quaquer preocupação de ordem pessoal.

Será, porém, indispensavel que vos armeis convenientemente.

A começar por um completo dominio das novas idéas. E haveis de permitir que vos diga que a Escola Normal não vos poderá ter dado esse dominio. Não no permitiria a sua estrutura atual. Ela apenas terá conseguido, na melhor das hipoteses, aperceber-vos de boas sementes. A' vós, prezadas colegas, compete, agora, fazer com que germinem, floresçam e frutifiquem essas sementes.

Escola Ativa, socialização, disciplina interior, tests, metodo geral, metodo de projeto, não os tereis ao vosso serviço, se não lhes penetrardes a essencia, a significação e o alcance. Correréis o risco, não digo de confundir escola ativa com aquela em que se adota metodo intuitivo, mas de supór, por exemplo, que escola ativa é aquela em que se mantém o aluno em trabalhos manuais o tempo todo, ou aquela em que se permite aos discipulos viver aos pinchos, aos berros ou em correrias.

Quando, vós o sabeis, escola ativa é a em que se procura estimular e orientar a tendencia fundamental do ser humano, que é a de se realizar integralmente. E' a em que se procura garantir e controlar o desabrochar do alu-

no, facilitando-lhe a eclosão das tendencias superiores e canalizando-lhe a energia dos impulsos condenaveis em direções não apenas socialmente uteis, mas moralmente saudias. E' aquela em que, longe de receber passivamente a serie de conhecimentos que o mestre desenvolve, como um film, deante da classe sonolenta ou distraida, o discipulo, em seu desenvolvimento normal e por força de sua propria atividade, que o mestre orienta, vai adquirindo não apenas noções, senão tambem atitudes e modos de reagir que lhe sejam necessarios.

E' a escola em que se toma por base do ensino o aproveitamento dos interesses típicos em cada fase da vida do homem.

Aquela em que o professor se esforça por seguir o principio de organização, desenvolvimento e vida que o Creador, criando-o, imprimiu ao ser humano.

E a socialização? Senão tiverdes dela conhecimento pleno, se não a tiverdes considerado sob todos os aspéctos, estareis expostos a confundi-la com as festas escolares de outros tempos.

Ou ainda, por não lhe terdes compreendido a exata significação, será possível que a imagineis realizavel apenas através de reuniões sociais, de gremios e de associações dos pais.

Quando, por certo não o ignorais, a socialização da escola e do aluno resulta igualmente dos bons metodos de ensino, do sistema disciplinar bem orientado e do programa organizado criteriosamente.

Mais ainda: arriscais-vos a temer a socialização. Procurareis talvez evitá-la ou impedi-la, porque não deixareis de ouvir que ela está ligada necessariamente a doutrinas sociais ou filosoficas que repugnam á vossa formação religiosa.

Quando essa preocupação louvavel dos professores de hoje tanto se enquadra numa concepção materialista (e então seria lastimavel), como se ajusta a uma concepção tomista do universo.

E eu já tive o prazer de vos mostrar, em classe, senhorinhas, como esse vocabulo, tão frequentemente citado, encobre suposições diferentes, conforme seja considerado á luz de um ou de outro dos sistemas referidos.

E que direi dos "tests"? Basta um pouco de cultura pedagogica para se acolher com simpatia essa inovação. No entanto sofre ainda hoje entre nós campanha indistinctavel. Ainda há pouco, a proposito da applicação dêles aos

alunos do primeiro ano primario, para efeito de promoção, irromperam aqui e ali protestos veementes.

Dir-se-ia que reexamos medida rigorosa e precisa do resultado de nossa atividade profissional. . .

Procurai, senhorinhas, conhecer de perto esse novo instrumento de medida: e de vós não se dirá, por certo, que assumistes aquela atitude ridícula de protesto, a que acima me referi.

Mas, não nos alonguemos a esse respeito. Vós compreendeis de sobejo a conveniencia de seguro conhecimento da nova técnica pedagogica. Entretanto, de algo mais tendes necessidade. Sob pena de não vencerdes a hostilidade ou a inercia que se vos antolhem futuramente. Vós precisais, principalmente, de entusiasmo e fé. E como sempre (hoje, porém, mais do que nunca) haveis de procuralos na grandeza de vossa missão.

Hoje mais do que nunca, porque mais do que nunca é hoje preeminente no conjunto social a função do professor.

Nós vivemos uma hora amarga de apreensões. Sentimo-nos, diante do quadro sombrio e desconcertante que o mundo nos oferece, quasi incapazes de orientação e escola. Vacilamos, atônitos, no emaranhado das correntes politico-sociais de todos os matizes, que se entrecrocão ameaçadoramente, em efervescencia impressionante.

Num esforço gigantesco para salvar os sonhos naturalistas, teimando em fugir á consideração serena do absoluto, nós percebemos contudo que já não basta ao homem a comoda asserção de que algum dia, colhidos os fátos indispensaveis, desprendidos deles todas as leis possiveis, a ciencia lhe dará a solução de todos os seus problemas. Já vamos compreendendo que o entusiasmo despertado pelas primeiras conquistas scientificas nos cegou. Que em lugar de fugir á tirania dos postulados, nós apenas nos escravizamos a novos postulados. E que o drama que vivemos, como luminosamente o mostrou Tristão de Athayde em sua "Introdução á Economia Moderna", encontra explicação no erro inicial da era moderna.

Encontra explicação naquela antropocentrismo desastroso, naquela funesta deificação progressiva do homem, naquela ingenua tentativa de libertação no natural em face do sobrenatural. Já vamos compreendendo que não nos virão o sossego e o equilibrio, sinão do retorno aos postulados tomistas, que abandonamos, para repetir a tentativa pueril de levantar, desajudados de Deus, nova torre de Babel.

E voltamos, por força da propria experiencia e de um esforço libertador da propria razão, ao que já desdenhosamente classificáramos de ingenuas superstições primitivas.

E é aqui, senhorinhas, que deveis procurar o vosso objetivo mais alto, do qual decorrerá naturalmente a forteza de animo de que necessitareis na aspera jornada de cada dia.

Nada vos detará sem duvida, nem dificuldade alguma vos ha de abater o animo, se fixardes como vosso mais alto ideal o objetivo que a lição da historia impõe ao mestre de nossos dias: — a formação de homens capazes de compreender integral e nitidamente a frase maravilhosa: — "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

Discurso de paraninfo ás diplomandas da Escola de Aperfeiçoamento.

Por HELENE ANTIPOFF

Foi para mim uma surpresa tão grande a de ser eleita vossa "paraninfa" que o sangue me subiu á cabeça, quando d. Amelia me comunicou a vossa decisão.

A antecipação de um discurso publico — parece-me a travessia numa pinguela vacilante, lançada por cima de um precipício vertiginoso. Mas, uma vez passado o choque e habituada á idéa de fazer um discurso, — só me ficou um profundo sentimento de gratidão pela confiança que me testemunhais. E apresento-vos aqui o meu reconhecimento como professora e tambem como estrangeira, vinda de tão longe e que acolheis com tamanha hospitalidade.

Agradeço-vos de todo o coração!

Eu quisera dizer-vos palavras de valor, mas duvido poder faze-lo, (pois nem tive tempo para melhor exprimir meus pensamentos, nem falo á vós na minha lingua, que soaria mais sinceramente aos vossos ouvidos), queria dizer-vos palavras de valor para que elas possam voltar-vos um dia á memoria, quando, solitarias talvez, precisardes de uma palavra de encorajamento na vossa carreira, sempre grandiosa quanto aos fins e muitas vezes miseravel quanto as suas condições materiais, pessoais — e, pois, duplamente grandiosa.

Hoje que a educação começa a ser considerada como a chave de salvação de todos os males humanos — não é a educação que se invoca para abolir a guerra e as suas atrocidades, o crime e as suas monstruosidades, as enfermida-

des sociais e as suas miserias — a carreira que ides seguir é, na verdade, grandiosa e de uma responsabilidade sem igual.

Ora, a educação não poderá dar os frutos que dela se esperam sem que o educador esteja à altura da sua tarefa.

Os métodos, o material didático, o ambiente escolar, as crianças — essas matéria prima, — que significam elas ao lado desse fator excepcionalmente preponderante que é a personalidade do mestre?

O segredo do êxito reside, pois, ali, em nós, em vós minhas jovens amigas, e o bem estar de vosso país em grande parte dependerá amanhã do que hoje estiverdes aptas a dar-lhe.

Que somos nós afinal, e que devemos ser como educadores? Quereis que falemos a este respeito? Pois, bem, tentemos adquirir a consciência de nós mesmas, e isso, si o quisédes, auxiliando-nos com um esquema comodo e interessante — o de uma tipologia humana do eminente filósofo e pedagogo alemão contemporaneo Eduardo Spranger(\*)

Spranger encontrou um meio de classificar toda a humanidade em seis tipos fundamentais, de estrutura psíquica particular, e que representam as propriedades e as leis iminentes dos diversos sistemas de cultura espiritual. Assim, êle repartiu os seres humanos em homem teórico, homem artista, homem técnico-economico, homem político, homem social e homem religioso. Cada um destes tipos possui uma estrutura característica, e sua vida é governada por tendencias e leis que lhe são proprias.

Que é o homem teórico? E' aquele cujo movel essencial de vida é a busca da objétividade. Ele tem curiosidade pelas cousas, pelos fenomenos e pelas leis que regem a estes; tem a sêde do conhecimento e da verdade.

O homem artista, ao contrario do primeiro, longe de buscar o sentido objetivo da realidade, quer a compreensão interior imediata, a que lhe permite viver, êle proprio, o que está fóra de si: ao passo que a ciencia é impessoal, a arte é toda impregnada da personalidade do seu creador. Esta antítese soube traduzi-la um poeta exprimindo-se assim: "a arte sou eu; a ciencia somos nós".

Para o homem economico, o sentido da vida reside sobretudo na sua utilidade pratica, na atividade produtiva dos valores materiais.

(\*) Vide Kerschensteiner.

Luc Durtain achou esse homem sob as apparencias de uma pobre velha anglo-saxã, que numa longa travessia transoceânica, achando-se a bordo de um navio, andava o dia inteiro com a sua tocha na mão e implorava ao capitão que lhe desse trabalho, qualquer trabalho que fosse. O homem economico não sabe ficar quieto, ignora a meditação e não a considera sinão como um passatempo sem utilidade. Obedecendo ás suas tendencias, êle exalta o principio economico: — alcançar resultados materiais notaveis com os meios mais restritos possiveis.

O homem politico ou autoritário é movido pelo desejo de dominar; procura submeter a vida que o rodeia á sua vontade e transformá-la segundo o seu julço.

Para o homem social a vida só tem sentido pela abnegação, e pelo amor que êle tem ao proximo. — Ajudar a outrem, socorrer, sacrificar-se é a sua vocação.

Enfim, o homem religioso — este — subordina constantemente as manifestações da vida a um conjunto espiritual; acima de tudo, ha para êle o absoluto, o ideal, a salvação, — sem a qual, qualquer satisfação é impossivel.

Nessa galeria dos seis tipos reconheceste-vos em algum deles? Os tipos puros como em toda parte são raros; os que existem realmente são combinações de dois ou mais.

E' assim que se puderam achar as combinações mais características para tal ou tal mistér ou profissão.

O advogado, o engenheiro, o medico não surgem nitidamente dentre esses seis tipos de Spranger? E o educador, onde o classificaremos?

Um inquerito dirigido pelo professor Dörlik, de Lubbeck, com um grupo de professores alemães, nos informa que entre 18 mestres que se submeteram ao auto e heterojulgamento, o homem artista e o homem social são os que figuraram mais preponderantemente, ao passo que os dois outros — o homem politico e o homem economico — figuraram menos.

Em outros termos, esses professores mostraram que são as tendencias intropaticas, de uma parte, que permitem ao homem compreender interiormente a outro e identificar-se com êle, e as tendencias altruisticas — dar-se a outrem — que foram mais accentuadas, ao passo que as tendencias ao autoritarismo e as que procuram os valores materiais e utilitarios são menos desenvolvidos.

Esta combinação do homem social e estetico nos satisfaz plenamente á guisa de prototipo do educador? Esse tipo de apostolo é sufficiente talvez para os primeiros tem-

pos de uma reforma, no início de uma cruzada; mais tarde, porém, gostaríamos de vê-lo menos limitado e mais universal.

Todo exclusivismo, toda unilateralidade revela, em última análise, uma falta de equilíbrio interior e de harmonia, e então éle se apresenta sob a forma de uma caricatura ou sob a de uma legenda: irreal, portanto.

Toda vez, ao contrário, que um talento particular ou uma tendencia geral qualquer se soma a outras qualidades intellectuais, técnicas, sociais ou morais — esse talento e o homem que o possui se engrandecem ante o nosso espirito. Assim, o genio de Beethoven, cujo talento não se limita ás fórmias puramente estéticas, mas alarga-se, espousando uma filisofia vigorosa, elevando desta maneira o valor de sua obra musical a um grau sublime. A IX sinfonia, a Missa em ré não são apenas obras que julgamos pelo criterio de beleza, mas nos arrebataam ainda pelo seu caracter de profunda religiosidade.

Que é que constitue a grandeza de Pasteur? São apenas as descobertsas geniais no dominio da biologia, da quimica?

Não; nem os relampagos da sua intelligencia inventiva, nem a pujança de seu cerebro, sózinhos, fariam dêle um dos herois mais admirados da humanidade; mas ainda outras qualidades que, aliando-se á intelligencia, formam o bloco completo que é Pasteur.

Seu velho mestre Bio dizia que Pasteur esclarece tudo o que toca; o seu aluno acrescentava: "êle eleva o espirito e o coração de todos os que se lhe aproximam".

O estudo do estilo literario de Pasteur e do seu vocabulário puseram em evidencia que os vocabulos que êle mais frequentemente empregava eram (diz-nos o seu biografo) "vontade", "esforço", "entusiasmo". Ele nos é singularmente caro no episodio com o pequeno Alsaciano mordido pelo cão danado, em que êle passa longas noites de insônia e de angustia antes de se decidir a submeter o menino ao primeiro tratamento anti-rabico que ainda se houvesse feito no homem.

Pasteur é grande, porque *de minima non curat* não existia para êle e porque dava não raro ao menor fato de ordem biologica, técnica ou moral, uma importancia capital.

Sua personalidade avulta ainda quando o vemos, nas sessões da Academia investir contra os seus adversarios e

os falsos espiritos com uma força e uma tenacidade extraordinarias.

Combatendo o erro, a doçura habitual de Pasteur se transforma então no vigor de um Moisés chamando á virtude o povo de Israel

É, pois, pela complexidade, bem como pela intensidade dos caracteres, que os genios se impõem á humanidade e se tornam seus heroes.

Ao contrario, todas as vezes que o homem de genio carece de um dos caracteres importantes nós o sentimos profundamente.

Assim Goethe, esse "fenomeno de plenitude humana", talvez o mais completo que haja existido, não é o herói que se poderia esperar, e a variedade e a pujança dos dons que êle possuia, não bastam para erguer-lhe o pedestal de admiração mais alto de todos.

Ele foi, exageradamente, homem estético, nos momentos em que deveria ser homem social e religioso. E apesar de todo o seu olimpismo, Goethe nos parece ás vezes um pouco mesquinho.

Um outro caso, que nos interessa particularmente, vem a proposito ao espirito — o de Pestalozzi. Nós o admiramos, o amamos por sua intuición genial das coisas humanas por seu amor sem limites aos fracos, aos quais deu êle sua vida. Pestalozzi é a sintese do homem social e do artista.

Entretanto, apesar do seu talento, sua coragem, sua abnegação, lastimamos suas lacunas. Porque depreciarmos de tal modo o lado material das coisas não para nosso conforto pessoal, mas em vista de um certo grau de civilização?

Sentimos que a negligencia demasiada, por esse lado, leva á miséria e ao fracasso a obra social.

Alargar seus horizontes, dar acesso a fórmias de vida variadas, procurar a plenitude psiquica, eis, em última análise, o que importa ao mestre e educador para vencer, em sua atividade civica.

Como poderá o educador de hoje deixar de lado o espirito teorico, se o conhecimento exato da criança, de sua tendencias, e das leis que regem sua evolução é a pedra angular do edificio pedagogico?

A intuición só poderá, como em toda ciencia, indicarlhe as vias de acesso e ajudá-lo a descobrir a sintese final. Entre esses dois pontos, o de partida e o de chegada, estende-se todo o imenso campo do trabalho científico, com seus problemas, suas duvidas, seus métodos pacientes, suas verificações preciosas. Eles são indispensaveis ao mestre, pois,

como poderá êle, sem seus resultados, dirigir com segurança a natureza complexa da criança?

O espirito teorico e investigador não tem somente um fim pratico — o de fornecer ao educador os conhecimentos necessarios — mas auxiliá-lo na formação da personalidade, desembaraçando-o do dogmatismo obtuso, da rotina desesperante, da falsa onipotencia.

“O espirito do pesquisador atria fóra o orgulho e torna o homem modesto e mais benevolente”, tal é a opinião de Cl. Bernard .

Entrando, contudo, na via da pesquisa científica; é preciso que se saiba tomar cuidado com certos perigos, que Goethe nos aponta com finura: alguns, diz êle, iniciam-se bem na ciencia, mas seu subjetivismo desenfreado os leva ao erro. Outros, ainda, prendem-se demasiadamente aos fatos, recolhem-nos em tão grande numero que acabam por nada provar. Em suma, falta o espirito teorico, a facultade de penetrar até ao fenomeno original e de tornar-se senhor de todas as manifestações particulares.”

Bela lição para aquelas, que, como vós, acabam de iniciar-se na ciencia! Quantas vezes, durante vossas pesquisas de psico-pedagogia experimental, não notastes, vós mesmas, estas duas atitudes viciosas: de um lado, o subjetivismo fantasista; de outro, a minucia dos fatos, a abundancia dos numeros e dos programas, e comtudo isto, a ausencia ás vezes total de idéas diretrizes ou resultantes.

Sem tocar no espirito artistico e no social que deve existir *sine qua non* no educador moderno, vejamos se o espirito economico e politico não devem tambem entrar em linha de conta.

Se se tratasse de professores alemães ou suissos, não nos estenderíamos sobre isto, pois o espirito economico corre no sangue de suas veias; mas para o brasileiro, para quem quasi sempre o lado material das coisas é a ultima das preocupações, (com exceção de alguns individuos) é preciso collocá-lo em evidencia e mostrar como é vantajoso respeitá-lo a materia, seja qual fór, e como ganha a civilização em cultivá-la e em aumentar as fontes economicas.

E o espirito politico? Este, ao contrario, parece existir aqui exageradamente. Mas será necessario suprimi-lo no educador? E' êle compativel com a sua tarefa e principalmente quando esta tarefa se acha, como aqui, nas mãos das mulheres?

Se o espirito politico não é mais que o autoritarismo e a imposição da vontade de um pequeno grupo á massa,

sem que esta seja consultada, ou contra a sua vontade — esta politica deve ser eliminada como processo inefficaz e perigoso. Ela é incompativel com a noção da educação activa de hoje e incompativel tambem com o caráter feminino.

Os anti-feministas, que consideram a mulher como ser inferior, recusam-nos o direito de nos ocuparmos da politica. Mulher que faz politica, produz a impressão de uma “mulher de barbas”.

Clemenceau pronuncia a este respeito palavras dignas de atenção: “Si algum dia a mulher, diz êle, vir abrir as portas da politica, é que esta ( não a mulher), se terá transformado. Não dizemos que isto nunca sucederá; mas que isto não sucederá nunca, emquanto a politica e os homens continuarem a ser o que são”.

E, falando da actual politica, êle diz ainda: “na vida politica é preciso que haja outras qualidades, além da razão e da ponderação. E' mister sair, afoitar-se, arregaçar as mangas, medir-se uns aos outros e, no momento preciso, pôr-se em ação.

Com effeito, é esta a politica, e pior ainda, porque é tambem a guerra, o combate, a luta, a intriga, a calunia, emfim, todas as fórmias de aggressividade ao serviço do eu, ansioso de vencer e de dominar. Não é mais o Estado e seus interesses que estão em causa; são os interesses pessoais ou então as proprias paixões e o méro instinto combatiivo.

Esta especie de politica, o educador e a mulher evitarão tanto quanto possivel — mas a politica, no sentido platónico da palavra, não deve ser estranha ao mestre. E' preciso, em primenro lugar, que êle considere a Escola publica como um dos meios politicos mais poderosos, isto é, o que contribue diretamente para formar a Nação, garante a integridade do país, a harmonia entre os cidadãos, a ordem e o progresso.

Compreendido neste sentido, o espirito politico deve fazer parte das virtudes do educador, seja êle homem ou mulher.

Se vós, mulheres-educadoras, vos empenhardes em cultivá-lo especialmente, em vós e em vossas crianças, talvez mesmo esta intervenção da mulher contribuirá para transformar a politica de hoje em uma politica de civismo salutar.

Mas o homem será ainda incompleto e o educador não atingirá a plenitude, senão abrindo a alma para esse ideal mais afastado, que não provém nem da Família, nem da Escola, nem do Estado.

O espirito religioso, este fogo sagrado que brilha no coração de cada um de nós, nos faz ver o mundo mais vasto e entretanto mais unido e mais poderoso, porque protegido pela cúpula divina, sob a qual todo ser se sente amparado e dirigido, seguindo piedosamente o caminho traçado pelo destino.

O educador, creiamos, vencerá tanto melhor quanto mais ampla for sua personalidade, mais largas suas vistas, mais variados e mais profundos seus sentimentos.

E agora, caras amigas e companheiras de dois longos anos de vida e de trabalho, seja-me permitido dizer-vos algumas palavras ainda, formuladas sob algumas regras de otimismo.

Essas regras fazem parte do meu inventário de vida. Nada têm de original; encontram-se aqui e ali nas maximas da sabedoria humana.

A primeira regra é esta: *"quando desejamos fortemente uma coisa e essa coisa depende de nós mesmos, estamos certos de obtê-la"*.

Inútil repetir-vos o que tão bem sabeis: que todo o desejo é o sintoma de uma necessidade e a necessidade é o sintoma de um equilíbrio róto.

Por outro lado, a necessidade é o melhor de toda a nossa conduta. Esse motor é tão poderoso que desencadeia em nós, como por encanto, todos os mecanismos necessários à sua satisfação.

Se o desejo tem o consentimento da nossa consciência, se o nosso eu superior adere ao seu total, então não ha nada no mundo que possa deter o ímpeto do arranque.

Temos sempre, em certos momentos de nossa vida sobretudo, o desejo ardente de ser melhores; sentimos a necessidade de deixar neste mundo um traço, por mais tenue que seja, mas um traço luminoso como o que uma estrela cadente deixa no seu trajeto.

Pois bem, agora chegaremos ao corolário desta primeira regra de otimismo: está em nosso poder, se desciamos ardentemente, e com o favor de Deus, modificar, para melhor a nossa natureza ináta.

Eu dizia ha pouco que a educação para ser bem sucedida, deve visar a plenitude da personalidade do mestre. Mas, se somos por natureza pobres, destituídos de talento,

não sentiremos o nosso coração invadido de pessimismo e de desalento que, de repente, paralisariam todo o nosso ardor?

Não, jovens amigas, o homem mais curto de inteligência, mais limitado, é capaz de perfeição tanto quanto êle deseje melhorar. O que é essencial é sentir a necessidade de se engrandecer, isto é, desejá-lo com perseverança indefesa e com uma fé invicta. Notar-se-á com surpresa que o trabalho interior se opera em nós e que cada dia nos aproximamos — ainda que de uma unha — do ideal que nos propusemos.

Uma vez ainda permiti-me citar-vos estas palavras luminosas de Goethe: "Sou homem e, como tal, tenho os defeitos e as fraquezas do homem, e os meus proprios escritos podem não estar deles isentos. Mas, como tomei a serio a minha educação e trabalhei sem tregua, para o meu enobrecimento, esmerei-me incessantemente em progredir, de sorte que muitas vezes me censuraram por um defeito de que eu me havia desembaraçado havia muito tempo". Que lição encorajadora não temos nessas palavras?

A segunda regra de otimismo é que o nosso maior mestre é a dôr. E' quando temos profundamente sofrido que retiramos os ensinamentos mais significativos para a nossa vida. Uma vez passada ou vencida a dôr, saímos dessa luta enriquecidos de um tesouro que dá á nossa personalidade moral um peso especifico muito maior do que antes. Nossa alma, egressa do inferno dos sofrimentos, graças ás meditações a que a dôr nos leva, possui uma visão inteiramente diversa das cousas deste mundo, e, com isso, um ascendente muito maior sobre os demais.

Não raro deixamos de fazer belas cousas, receando sofrer. Não temos razão. Não digo que seja mistér procurar o sofrimento. Mas, desde que este se nos apresente, perderíamos um meio valioso para o nosso crescimento moral se fugissemos diante dêle, porque o seu valor dinamico é enorme.

Assim, minhas amigas, não temais o sofrimento e não deixeis nunca de fazer uma coisa que julgeis do vosso dever, capitulando diante do sofrimento que ela vos poderia causar ao mesmo tempo.

A terceira regra de otimismo é a que o idealismo de Fichte formulou nesta frase feliz: "Sempre e eternamente o entusiastas triunfa daquêlle que não tem entusiasmo". Soprai a chama ardente do entusiasmo por uma causa que julgais nobre e tereis inumeras ocasiões de defendê-la, de triunfar na vossa empresa e sobretudo de atrair a adesão ativa de muitos que vos rodeiam.

O entusiasmo realizador, e não o que se consome, estéril, em palavras campanudas e em gestos enfáticos, mas o que nós associamos a uma obra, é a alavanca de apoio com a qual ela teria levantado o mundo inteiro!

Emfim, eis aqui uma ultima regra optimista: "Quereis triunfar e coroar de successo uma ação, uma obra qualquer — de caráter social — cumpre que não vos isoleis; procurai a comunhão com outros que tenham as mesmas preocupações, os mesmos ideais, maneira igual de ver as cousas; agrupai-vos, uni-vos em uma palavra, e vereis como as forças aumentam e como o trabalho ganha em brilho e vigor.

O fim que aqui nos reúne é a Reforma do Ensino publico em Minas. Aqui estamos animadas pelo mesmo espirito renovador, e marchando com o mesmo passo de progresso. Dois anos inteiros trabalhamos juntas na mesma tarefa comum. Saindo, continuareis ainda e sempre nossas companheiras de jornada, pois continuaremos, vós e nós, alunas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento e a Escola de Aperfeiçoamento.

Habituai-vos á idéa de que a Escola é vossa Alma Mater e sabei tambem que, para realizardes vossa grande empresa, que é tambem a nossa — de transformar a escola de Minas e com ela formar vosso povo — teremos necessidade de cerrar cada vez mais nossas fileiras e fazer um côro unico: a Escola de Aperfeiçoamento e as professoras que nela se formam".

## C A T E C I S M O

### Conclusão

Não se pode negar que nossos métodos catequísticos estão pedagogicamente em atraso em relação ao método de ensino geral, os quais por sua vez em atraso, na França ou pelo menos salvo raras exceções, relativamente a evolução social. Porque este atraso? A transmissão da doutrina seria posta em perigo pelas praticas que decorrem de um progresso inegavel da psicologia infantil, ciencia de ontem? Mas, de que progresso, tem a fé, alguma cousa que temer?

A estabilidade exagerada dos métodos, nesse dominio, provém, creio eu, da estabilidade necessaria dos programas. Quando o conteúdo do ensino varia ao mesmo tempo que as condições gerais de adaptação á vida, é natural que a pedagogia varie tambem. Em religião um desses dados permanece obrigatoriamente fixo: o Credo, os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, a graça e os sacramentos que formam a base imutavel.

Póde-se observar, entretanto, que as tendencias atuais já sublinhadas visam enriquecer este programa com um conhecimento mais detalhado do Evangelho, o que obriga a aliar outros capitulos.

De outra parte, a pedagogia nova se arrisca a aventuras que o ensino religioso não pode correr. Fazer a criança reinventar os elementos da ciencia, deixar-lhe a escolha do trabalho, exercitar-lhe o senso critico, justifica-se em materia profana, bastando unicamente que o bom senso do educador o preserve de ir até o fim das teorias! Mas o principio da livre pesquisa é contraditorio ao fato de uma verdade revelada. Não se póde aqui pensar em inventar; não ha a menor permissoão de divagar, mesmo provisoriamente.

Estas condições especiais do ensino religioso bastarão para afastar as teorias em favor? Estas se inspiram de um sentimento sincero de respeito á criança que é, portanto, merecedora do nosso proprio respeito.

Ninguem se preocupava bastante outróra nem no iar, nem na escola, nem na sala de catecismo, que jámais deve impôr aos pequenos, sob pretexto de que eles não podem compreender e devem entretanto aprender, uma verdade diminuida ou deformada. A pedagogia atual acentua este dever de respeito ás jovens intelligencias; e os catequistas aqui não ficam em ultimo lugar.

Mas terão eles aceitado a outra lição: o mestre não deve impôr aos alunos uma attitude *passiva* em face do objecto do conhecimento? que a criança reciba a verdade é justo em face da verdade e em face da propria criança, para quem nada é mais normal do que obedecer e acreditar. Mas cum-

pre que ele a receba com entusiasmo e corra adiante dela. E se a criança não tem o direito de *inventá-la*, que tenha, ao menos, a alegria de a *adivinhar*.

Como fazer experimentar, não digo ao menino bom e piedoso que os pais e professores prepararam suficientemente, mas ao pequenino pagão da escola leiga que vive todas as suas horas, exceto as da igreja, num ambiente materialista, como lhe fazer sentir um interesse vivo pelas cousas religiosas? A transformação material indicada nas linhas precedentes não vai até ao fundo do problema. O interesse específico do ensino religioso não está ligado a estas cousas. Como explicar que estejam cheias as nossas salas de catecismo mesmo quando aí se acumulam todos os erros pedagógicos.

Como explicar que aí se dêem frequentemente lições vivas no velho quadro ingrato, dos bancos enfileirados onde a imobilidade dos membros é de regra? Lições onde não sómente o mestre, mas também as crianças estão ativos, onde estes estão mais do que interessados pela inteligência, tendo a alma inteira *seduzida*? Far-se-ia maior dano à vida religiosa da criança transformando a lição de catecismo em perpetua lição de cousas sensíveis do que fazendo um apêlo demasiado e constante à consciencia íntima que eles já têm de Deus. No primeiro caso se transpõe e pôde-se perder o contáto; no segundo, tende-se ao excesso, pôde-se chegar á fadiga; ora, como os alunos cansados se afastam, pensa-se em fugir a este perigo; parece que divertindo os alunos estes serão constantes, mas com isto não percebemos que a lição de religião perderá ao longo do caminho todo o conteúdo verdadeiramente religioso.

Enquanto esperamos a possibilidade de mudanças materiais, que permanece desejável e necessaria num futuro mais ou menos proximo — “adaptar, ou morrer!” — como conceber uma lição de catecismo que apêle para o interesse específico do ensino religioso para atrair e retêr, não os acidentés, mas o essencial?

Permitam-me esboçar as grandes linhas.

Em principio a finalidade visada em cada uma das lições deve ser uma “conversão” das crianças. São pequenos leigos, com o cerebro cheio “do espirito do mundo”; é preciso encontrar o meio de fazer deles, em poucos minutos, amigos verdadeiros de Jesus; a oração imposta, logo a principio, não consegue isto. Pouca cousa basta para crear a atmosphera adequada. Dir-se-á um dia: “Atenção, vamos começar nossa oração, traçando sobre nós uma cruz, a cruz de Jesus. Olhai o nosso pobre Jesus! Como Ele nos ama! Do Céu Ele nos vê neste momento. Façamos nosso sinal da Cruz com muito respeito”.

Noutro dia diremos: “Daqui a pouco, na nossa oração, recitando a Ave-Maria... nós nos lembraremos da historia da semana passada: o Anjo Gabriel saudou a Virgem Maria e lhe disse: “cheia de graça”. A Santa Virgem, é linda! sua alma está cheia de graça de Deus!... Vamos saudá-la como o anjo fez. Um belo sinal da Cruz, para começar...”

Ou então nos contentaremos de uma simples recomendação: “Um bom meio para rezar sem distração é fechar os olhos. Fiquem bem direitinhos, numa bonita attitude: estamos diante do nosso Deus”. Esta recomendação não deve ser repetida frequentemente, pois assim as crianças não lhe darão mais attenção. Outra vez, sem preparar diretamente a oração, lembraremos as resoluções praticas tomadas na lição precedente. Um pequeno exame de si mesmo: “Comecei eu bem esta quaresma? fiz alguma penitencia? Se não dei a Deus tudo quanto eu lhe havia prometido, vou pedir perdão, e prometer-lhe, esta vez, de verdade que prestarei muita attenção durante este catecismo”.

O essencial aqui consiste em variar. Recitar, logo ao chegar ao catecismo, todas as vezes, um Padre Nosso e uma Ave Maria é monotono. Como não se distrairá a criança? Mas se a oração é preparada, é sincera, bem feita, pelo menos quanto á intenção, ella opera uma especie de “conversão”, uma volta da alma para Deus. Numa conversão a cada catecismo, durante 2 anos — quanto benéfico! o habito imprimirá seus vestigios, que nunca desaparecerão inteira-

mente, como essas caminhos através dos desertos que 15 séculos de vento e de areia não conseguiram apagar aos olhos do aviador.

Esta "conversão", precisa ser mantida ao menos durante uma hora. Basta, de momento, aproveitar as posições conquistadas, quer dizer, utilizar a boa vontade recente! Não é o momento de dizer cousas que se escutem pelo mero atrativo, como histórias, por exemplo; não se começa o jantar pela sobremesa. Não é tão pouco o momento de uma exposição arida, o impulso não é ainda suficiente para isto, os ouvintes estão apenas no limiar da vida espiritual. E' a nossa vez de realizarmos um esforço, o esforço que os arrastará; se eles nos fogem antes de 10 minutos ou 1/4 de hora, temos que bater no peito dizendo o "mea culpa".

Um pouco de doutrina; expõe-se o assunto sem timidez por magnifico que seja. As crianças são acessíveis ás mais altas verdades religiosas e essenciais: Deus Creador, testemunha e Juiz, a espiritualidade da alma e sua imortalidade, a Redenção, a Eucaristia, a Comunhão dos Santos. Basta uma condição: que se vá ao fundo das cousas. O verbalismo, eis o inimigo. Para que a criança se expanda á verdade, nós a ela nos abandonamos primeiramente. Precisamos lhes desnudar a nossa alma e isto é indispensavel; nós estamos sobre o mesmo plano que as crianças, filhos de Deus, nós também, humildes e crentes, diante da verdade que é tão grande para eles quanto para nós; ficamos todo o tempo em cena, nós mesmos com toda nossa fé, toda nossa esperança, todo nosso amor. O cura d'Ars não agia de outra maneira. Seus catecismos são de uma simplicidade elementar, e eram irresistíveis, contam seus ouvintes. Porque? porque eram diretos. E, se não se é um cura d'Ars, no momento, entretanto que é *necessario* que as crianças tomem, contacto com *uma alma* Deus inspira o tom; em todo caso podemos lh'o pedir o que já é de si eficaz. O que ha de peor é collocar-se acima das crianças, como um mestre que apenas cumpre a tarefa de ensinar; uma impressão fica, que a prin-

cipio inconsciente, sobrevive aos anos de catecismo: a religião é um sistema de idéas que se aprende em pequenino.

Não ha necessidade para o catequista de grandes lances, a exposição da convicção, é simples e coerente. Se os alunos não são muito numerosos substitue-se com vantagem a exposição pelo questionario; faz-se refletir, preparam-se armadilhas; o sorriso não é proibido. Depois retoma-se a palavra para focalizar e fixar concisamente o assunto.

Aconselham-nos: é preciso sempre partir do concreto. Que se entende por concreto? Dizer "Aqui está uma folha de trêvo, uma só folha, 3 foliolo. . ." é concreto, mas isto não esclarece o misterio da S. S. Trindade.

Uma vez presos por uma imagem ou uma comparação as crianças se esquecem de nos seguir no caminho da idéa religiosa.

Dizer: "Você invoca o Pai, o Filho e o Espirito Santo tres pessoas; é como se dissesse: em nome de Deus, um só Deus" e ser seguido, graças ao gesto que acompanha, é ser compreendido.

Sem duvida, esse gesto é concreto, mas concreto consagrado. Eu creio que a Igreja, pedagoga divina, já empregou tudo que é utilizavel, e ela nos indica, o modo: transpor imediatamente o limite e passar á vida interior. A escola, além do meio paganzante, mantém a criança no plano terrestre; não é o objetivo proprio da lição de religião de desapegá-la daí? Ela não o desapegará, si o exemplo concreto que lhe serve de atrativo é curioso de si e sedutor!

Diria eu de melhor grado: é preciso partir do fato já assimilado e da experiencia pessoal. O sinal da cruz que preenche estas condições é além do mais uma afirmação; a lição nova — um só Deus em 3 pessoas — se baseia sobre esta afirmação já admitida e se limita a torná-la conciente. As experiencias pessoais das crianças não são unicamente de ordem sensível. Se a escola se limita a recordar as experiencias desta categoria, o que é de vistas curtas, o catecismo não tem obrigação de decalcar os seus processos. Seu método proprio consiste essencialmente em multiplicar as

tomadas de consciência, em outros termos, em fazer apêlo á experiência do invisível, de que a criança é já rica.

Em principio, o próprio Evangelho, que é a illustração necessaria e providencial das cousas de Deus não nos está mais proximo pela vida da Igreja invisível que pelos atos do Salvador durante sua vida mortal? Dizer a uma criança: "Você já não foi batizado? pois então é da familia cristã e irmão de Jesus" interessa mais directamente do que a narração do Batismo na margem do Jordão, que não passa para êle de um fato historico emquanto não sentir a ligação entre esses acontecimentos já decorridos, e o seu proprio presente. Sem duvida, o conhecimento da vida de Christo é necessario, sobretudo ás crianças, que tem necessidade de ver e de tocar, mas contariamos inutilmente todos os fatos do Evangelho mesmo tornando-os palpaveis á imaginação, o que é nosso objetivo, se não pudessemos sempre, e a todo proposito dizer "examinem a propria consciência".

A criança não tem vida interior, pretendem! que erro! E' apenas verdade dizer que sua vida interior é frusta e que ela pouco se detém nela. Mas qual delas fica surdo a estas evocações: "Lembra-te desta graça... desta oração... desta luta contra uma tentação... este remorso... esta alegria de tua confissão bem feita..."

Ao cabo de pouco tempo o ponto de doutrina estará compreendido e sabido. Limitou-se bem o assunto, focalizando-o bem, isolando-o pela forma da exposição dos dados secundario que o devem enquadrar, colorir, enriquecer, sem o sufocar. As crianças precisam de repouso. "Vou lhes contar uma historia" é um maneira maravilhosa de relaxar um instante a tensão cerebral e dar, sem parecer, licença para se mexerem um pouco.

Mudar de posição é uma necessidade fisiologica nessa idade. Não se abusará da licença pois que a historia está esperando. A escolha d'esta é de importancia capital. Ha espiritos que só recebem ensinamentos por este processo. Eis aqui uma, a titulo de exemplo, tal como foi recolhida de um jornal no tempo da perseguição do Mexico (1927):

Salvator Vergas morreu gritando: "Por Deus e pela sua gloria!" Sua mãe septuagenaria, dizia pouco depois "Recusaram entregar-me seu corpo, mas o corpo não vale; só a alma vale, e eu a confiei esta manhã ao Coração de Jesus".

Admiravel illustração dos "fins ultimos" ou parafrase do principio evangelico: uma só cousa é necessaria. Podem-se tomar liberdades com o texto. Este é interessante porque muito proximo de nós no tempo. Cerca-se a narrativa de detalhes pitorescos, emprega-se o discurso direto, e para não desviar o interesse, passa-se rapidamente esta vez sobre o drama da execução. Um filho morreu, e sua mãe está triste. As crianças sabem o que é perder um parente e como se tem cuidado em cuidar da sua sepultura; — não vão eles com os Pais levar flores ao cemiterio no dia de Finados? Elas comprehendem os esforços que uma mãe emprega para dar os ultimos cuidados ao corpo do seu filho.

Desgraça: — amargura da decepção; é preciso fazer sentir a realidade toda humana deste primeiro movimento. Mas a cristã se ergue e corajosamente, a mãe toma seu partido: "O corpo é nada, a alma é tudo! Meu filho está no Céu!" Pode-se, depois de uma tal narrativa, bastante emocionada, repetir e fazer com que as crianças o repitam. "O corpo é nada, a alma é tudo!" E, se em seguida formularmos perguntas deste genero: que prefere você, que viva seu corpo ou sua alma? que prefere você, sofrer e ir para o céu ou gozar na terra e ir para o inferno? que prefere você, ter a alma doente pelo pecado e o corpo são, ou uma bela alma e o corpo doente? A's respostas não serão de méra complacência. Lr para o Céu! uma bela alma! Para completar seria necessario sugerir uma resolução pratica". Daqui a pouco ao sair, nosso corpo terá frio: ninguem se queixará". As circunstancias nos favorecem frequentemente.

Tudo isto é atividade de espirito, mas não é ainda esforço voluntario. Se devemos renunciar ao trabalho fisico como o pedem os métodos ha pouco lembrados porque renunciariamos ao trabalho intelectual? Este não exige instalação alguma especial. Estimulou-se a atenção prendendo

a imaginação, a sensibilidade, á memoria — é preciso agora dirigir-se á reflexão, excitar a vontade.

Trazer para a criança já preparada as noções que desejamos dirijam a sua vida, é apenas lhes solicitar a memoria, a intelligencia superficial quando muito. Que êle as descubra por si, empregando um esforço verdadeiro que será uma alegria — não se dirá, por exemplo: a caridade compreende o amor de Deus e o amor do proximo; mas depois que a parábola do bom Samaritano ou qualquer outra narrativa tenha familiarizado a criança com a palavra "proximo" e tornada acessível a caridade para com nossos semelhantes, far-se-á abrir o catecismo na pagina do ato de caridade: "Há duas coisas na "oração" de caridade; procurem quais são". As crianças se perdem: "Achei a primeira: *de todo meu coração*, a segunda: *sobre todas as coisas*."

Estimulam-se as crianças com um movimento ligeiro na bôa direção, faz-se com que reflitam. — Por fim duas idéas sobresaem bem nitidas — e essas duas se resumem em uma só: — Meu Deus, eu vos amo, — amo a meu proximo.

Crianças de 9 anos não tiram um proveito imediato desta descoberta, que fica ainda um pouco verbal; mas ter-se-á o cuidado de fazê-la passar á pratica. "Joana, você diz a Deus que o ama, e Ele vê o mau modo que você está fazendo a Henriqueta; Ele não acreditará o que você diz — quem ama a Deus de verdade, ama tambem o seu proximo". Se Joana não aceita a lição, Henriqueta, certamente a compreendeu bem como as demais vizinhas."

Uma bôa lição de educação fisica concorre para "voltar á calma" após os exercicios violentos; não se passa bruscamente de um esforço a outro, mas anda-se de vagar respirando profundamente.

Assim a oração que termina o catecismo não deve seguir um momento de muito ardor.

Obter-se-ia então facilmente a recitação mecanica que é um repouso; mas olhem as atitudes; aquêle ri ás escondidas, este se balança para lá e para cá, um reza muito alto, aquel'outro remexe os bolsos. Um minuto de silencio desten-

deria os nervos, e as crianças se prestam de bom grado; basta que não o prolonguemos. Outros processos alcançam o mesmo efeito sedativo; o catequista lê a lição a ser estudada em tom monotono, ou dirige essa leitura reservando perguntas que motivem pausas necessarias. Após a volta progressiva da calma, a oração final, desde que seja curta, será ferrososa, ou pelo menos correta.

Cumpra não dissimular que a tensão do inicio da lição, o interesse apaixonante da narrativa, o movimento do esforço pessoal, tudo isso que é a vida é tambem excitação.

O grande argumento contra um metodo verdadeiramente vivo é a dificuldade da disciplina.

De que disciplina nos querem assoberbar? A disciplina da criança bem ajuizada que não se mexe nem fala? Conheci desses mudos voluntarios que queriam a todo transe ganhar o "bom ponto" de comportamento — não pensavam noutra coisa.

Encontram-se 3 especies de meninos ajuizados: 1.º, os que o são por natureza, em todas as circunstancias; 2.º, os que disfarçam hipocritamente; 3.º, os que fingem sem querer.

Os primeiros não nos darão trabalho nunca quanto á disciplina; haverá entre êles alunos bons e alunos mediocres — todos os outros se prestam á indisciplina, mas que indisciplina? Só condeno aquela do ajuizado hipocrita; êle se cala enquanto o fitamos, escarneece á socapa quando não o estamos olhando.

Se deslocarmos a enfase do ensino apelando para o *proveito* em vez de apelar para o comportamento, êle cairá as piores contrariedades.

Êle tem de habito um camarada facil de arrastar; aquêle que não compreende coisa alguma.

Quanto ao "grosso da tropa", se fôrma dos que disfarçam por conformismo inconciente. Há catecismos em que são todos ajuizados sempre.

No catecismo em que se vive, só se obtém excepcionalmente a unanimidade de bom comportamento, durante a narração de uma história palpitante, por exemplo.

A menos que as crianças sejam submetidas ahiures, a uma educação que as disciplina verdadeiramente. A verdadeira disciplina consiste em fazer o que se faz; é obedecer a quem tem direito de mandar, é atender a uma "consigne". Um grupo bem conduzido póde assimilar algumas crianças de temperamento anarquico.

Obtem-se ainda a unidade de disciplina quando se tem grande autoridade pessoal.

Mas eis aqui uma observação facil de controlar; tal mestre que dispõe de grande prestigio pessoal não está disposto a sacrificar o beneficio de uma "disciplina que obtém facilmente" a um metodo em que se arrisca a excitar as crianças, e que além disso contradiz o seu proprio temperamento. Fazer procurar a verdade em vez de dá-la preparada; ousar interrogações coletivas quando as crianças estão ainda sob a impressão de uma historia cativante; compreender que a imobilidade cança; tudo isso lhes é impossivel. Logo ao primeiro sintoma de desordem abandonam um metodo que perseguindo suas finalidades proprias; fazer sentir, fazer vibrar, fazer compreender, revelar a criança a si mesmas — compromete a sacrosanta disciplina !!

Sem duvida a disciplina é necessaria. Mas não o é mais do que a vida. Classes muito disciplinadas, no sentido moral, e não farisaico da palavra, parecem colmeias em atividade; as classes muito indisciplinadas, onde se occupam á socapa de tudo menos do que devem, não se deixam nunca surpreender em delicto flagrante de barulho.

O proprio Cristo não salvou todo mundo; não conseguiremos mais do que Ele; de certas crianças não conseguiremos fazer bons cristãos; a atividade que encorajamos permite que estes revelem precocemente a malicia; não é um risco a mais, e sim uma ilusão de menos. Desde que se deve julgar uma arvore pelos frutos, observemos os frutos de nosso ensino, sem levar em conta as excessões. Um metodo gramatical

é bom se se sabe ortografia; um metodo catequistico se se ama a Deus. A desordem não é coisa tão grave, nem mesmo um pecado.

Fazia-se muito barulho em casa de D. Bosco, e poucos eram os pecados; Pestalozzi tinha classes ensurdecedoras...

Convem que só se faça um barulho moderado nas salas de catecismo; é preciso confessar que isto dá muito trabalho com adoção de metodos vivos, sem conseguir suficientemente a obter a calma propicia ao trabalho verdadeiro e profundo. Mas isto incrimina apenas o pedagogo pouco habil, não o seu metodo. Ele consente em bater o "mea culpa". Disto não sente necessidade o pedagogo autoritario que obtem a atitude passiva e a recitação palavra por palavra do catecismo...

Todos se queixam da descristianização das massas. Embora seja um sintoma moral, há mil culpados disso; considerada como uma consequencia da ignorancia religiosa — ou de preconceitos e idéas falsas atinentes á religião — o primeiro responsavel é o catequista... o catequista multiforme: regulamento diocesano que não sabe ou não póde exigir numero suficiente de horas de frequencia, livro de perguntas e respostas igualmente inadmissivel, repetidoras que não tem entusiasmo pela santa tarefa... e outras e outras dificuldades.

Não se póde incriminar pessoa alguma em particular — mas cada qual — e o papel das auxiliares femininas adquire cada dia mais importancia — em vez de se contentar por vencer a dificuldade sobre um ponto, deve considerá-la sob todos os seus aspéto, o que não é estudo pequeno, e por menor que seja fazer realizar um progresso "na questão do catecismo". Nada seria mais nocivo do que se deixar levar por metodos que eram bons, talvez, há cincoenta anos.

A cada um suas responsabilidades.

As moças catequistas, em que pensei durante todo o tempo em que escrevi este artigo, competem raramente iniciativas a tomar; merecerão maior confiança á medida que

se dediquem á bela tarefa em vez de unicamente se prestarem a ela, como fazem muitas; isto implica toda uma formação pessoal e uma espiritualidade intensa. Essas podem já encher as medidas em multiplas circunstancias: preparo dos pequenos, retiros para comunhão, explicação das lições a dar, control das aquisições.

Os metodos adaptados da pedagogia que se diz "nova" só serão applicaveis quando o clero puder contar com uma geração de auxiliares a um tempo doces, ardentes e ao par do movimento pedagogico.

MARIE FARGUES

NOTA—Este artigo veiu publicado na "Vie Intellectuelle" (publicação das "Editions du cerf"), numero de julho-agosto de 1932, que traz os seguintes dizeres:—"Com permissão dos superiores. Imprimatur—Benjamin Octavius—episc. Versalien.

## NOSSA EXPERIENCIA

### Uma Aula de Objetivação Comparada

No estudo da Antropologia, como no estudo de todas as Ciências Naturais, o professor deve pôr em contato, estes dois fatores maximos da educação científica: o educando e o objeto.

Todo o desenvolvimento da materia deve ser uma successão de contatos desta natureza, bem ordenados e metodizados.

Na impossibilidade de apresentar o proprio objeto para estudo, deverá o mestre socorrer-

se de objetos naturais analogos e assim por diante, irá lançando mão de recursos sucedaneos da propria causa a estudar, até chegar á substituição desta, como ultimo recurso, pela palavra falada ou escrita.

Poderemos formar assim, uma escala de objetivação decrescente, em que o material de observação perderá, cada vez mais, as suas qualidades impressivas, no ponto de vista pedagogico:

- 1—O proprio objeto.
- 2—Objetos naturais analogos (Objetivação comparada).
- 3—Modelos artificiais, manequins, etc.
- 4—Representações graficas e projeções luminosas (desenhos, figuras, etc.).
- 5—Palavra falada ou escrita.

Tinhamos que estudar com o 2.º ano da Escolar Normal de Itauna, o organismo humano. O ideal seria estudá-lo no proprio homem. Como isto se tornava difficil, lançamos mão de um organismo semelhante, fazendo assim uma aula de objetivação comparada.

O animal, imediatamente visado e escolhido, foi o porco. As alunas arranjaram uma leitôa que depois de minuciosamente estudada, prestou-nos ainda o beneficio de um alegre "pic-nic" que foi ao mesmo tempo proveitosa excursão.

Cada uma vez, em casa, o seu relatorio, que foi comentado em aula e constituiu a prova final do mês.

Destes relatorios escolhi o mais completo, como observação e como metodo, para ser publicado.

E' sua autora a alumna Marta Valadares de Vasconcelos.

#### RELATORIO

##### Objeto da aula

Uma leitôa cujo organismo vai ser comparado ao do homem.

#### Morte do animal

1.º — Matou-se a leitôa com um tiro na sua cabeça.

2.º — Deu-se a morte por inibição dos centros cardiacos e pulmonares.

3.º — Para verificar se a leitôa já estava morta pesquisámos o reflexo ocular que foi negativo.

4.º — A leitôa começou a resfriar-se porque perdeu a sua fonte de calor que é a propria vida, e a sua temperatura começou a equilibrar-se com a temperatura ambiente.

#### Observação dos accidentes externos

1.º — Dentes molares muito desenvolvidos.

2.º — Caninos atrofiados.

3.º — Incisivos pouco desenvolvidos.

4.º — Focinho comprido para melhor apreensão dos alimentos no chão.

5.º — Musculo masseter de contornos visiveis externamente, muito desenvolvido, no porco, porque muito trabalha na trituração dos alimentos.

#### Depilação da leitôa

1.º — Depilamo-la com agua fervendo e cinza misturada.

2.º — A suspensão da cinza na agua aumenta a temperatura de ebulição desta, facilitando a depilação.

#### Observação dos accidentes internos

1.º — Incisão na linha mediana do torax e do abdomen.

2.º — Em primeiro lugar seccionamos o derma, pois com a depilação, retiramos a epiderma.

3.º — Encontrámos, em seguida a hipoderma.

4.º — Tecido gorduroso subcutâneo que tem uma triplíce função, como reserva alimentar e como proteção dos órgãos internos contra o frio e contra choques.

#### Exame geral do conteúdo abdominal

Vimos, logo, os intestinos grosso e delgado, o estomago, o fígado e o pancreas, envolvidos pelo peritônio.

Atraz desta membrana e lateralmente, apalpámos os 2 rins. *Exame particular de cada órgão*

1.º — Examinámos o intestino delgado: é a porção mais comprida do tubo digestivo; é um tubo estreito que vai do estomago ao grosso intestino. Divide-se em 3 partes; duodeno, que recebe os condutos de duas glandulas importantes, o fígado e o pancreas, o jejuno e o ileo.

2.º — Observámos o grosso intestino. É a continuação do precedente e se divide em cecum, colon ascendente, colon transversal, colon descendente e rectum.

3.º — Examinámos, particularmente, o cecum situado á direita do abdômen e não encontramos o apêndice.

4.º — Vimos, de um lado e do outro os rins, avermelhados e em forma de 2 volumosos grãos de feijão.

5.º — Observámos uma arteria e uma veia chegando, transver-

salmente, aos rins, notando-se que a arteria sai, diretamente, da aorta abdominal.

6.º — Examinámos o pancreas situado, transversalmente, junto do estomago.

7.º — O estomago fica logo abaixo do diafragma, e se comunica em cima com o esofago e em baixo e ao lado com o duodeno.

8.º — Apalpámos e percebemos, nitidamente, o anel muscular do piloro.

9.º — Fígado: observámos todo o órgão, a vesicula biliar e os canais hepatico e coledoco.

#### Exame geral do torax

1.º — Abrimos o torax cortando, pelo meio, o esterno.

2.º — Observámos o coração dentro de um sacco, o sacco pericardico, e tendo aos lados os pulmões direito e esquerdo.

3.º — Conseguimos ver ainda o esofago e a traqueia arteria.

#### Exame particular dos órgãos do torax

1.º — Os pulmões têm uma cor roseo-acinzentada.

2.º — O pulmão direito é maior do que o esquerdo e é formado de 3 lobos.

3.º — No coração vimos as arterias coronarias.

4.º — Aberto o ventriculo direito do coração, verificámos a sua pequena espessura e, no seu interior, os cordões papilares, a valvula tricuspide e a saída da arteria pulmonar que leva sangue venoso aos pulmões.

5.º — Na auricula direita, depois de aberta, observámos a entrada das veias cava superior e inferior.

6.º — Ao abrir o ventriculo esquerdo observámos a grande espessura da sua parede. Encontrámos a saída da arteria aorta, que foi observada na sua crosse Vimos a valvula mitral.

7.º — A auricula esquerda aberta mostra-nos as 4 entradas das veias pulmonares, que trazem sangue arterial dos pulmões para o coração.

8.º — Observámos que a aorta sai do coração e desce ao longo da columna vertebral.

9.º — Vimos a traqueia forma-

da de aneis cartilagosos e situada na frente do esofago.

10.º — Observámos as divisões da traqueia em bronquio direito e esquerdo.

11.º — Aberto o laringe, verificámos que as cordas vocais são atrofiadas.

12.º — Observámos a epiglote que cobre e fecha o laringe, na deglutição.

13.º — Verificámos, finalmente, a constituição duma arteria e a de uma veia. A arteria conserva-se sempre aberta porque é formada de fibras elasticas e a veia achata-se porque não as possui na sua estrutura.

Hely Nogueira

## NOTAS E COMENTARIOS

### A pratica do ensino

Alegar um magisterio de vinte anos e mais, não é razão para um bom professor resistir ás inovações aconselhadas pela experiencia dos sabios e exigidas pela evolução da sociedade.

Ninguém contesta que a experiencia enriquecida dos mestres encanecidos no officio represente um patrimonio moral e cultural inestimavel.

O que se deseja é que a pratica seja posta ao serviço das novas ideias, servindo-lhes de subsidio e de ajuda.

O verdadeiro homem de cultura — nesse caso está o mestre — terá sempre necessidade de novas fontes de estudos e informações. A sua curiosidade intelectual estará sempre viva e esperta na procura dos melhores meios para alcançar o seu ideal, tão nítido deve estar em seu pensamento o conceito: quanto mais estudamos, tanto mais sentimos a nossa ignorancia.

Um dos maiores perigos, e

dos mais desastrosos para o ensino, é a rotina, filha diletta da "prática".

"O rotineiro — diz Claparède — não vê as coisas como elas realmente são, mas como elle se habituou a vê-las".

"Todos sabemos quão difficil é, muitas vezes, descobrir nos desenhos magicos dos jornais illustrados "onde está o gato" e outros enigmas dessa natureza; só com esforço percebemos que os galhos da arvore formam o gato ou que os chifres do veado formam o perfil do caçador".

O rotineiro não vê fatos novos. Os problemas, que examina, já foram resolvidos, os interesses que desperta não pertencem mais ao presente, o ensino que ministra serviria, quando muito, para as gerações passadas.

\*

A pratica, no sentido de experiencia util, de base para melhores estudos; a pratica, como fonte de aperfeiçoamento, de progresso, de melhoria é indispensavel para o professor.

Não queremos destruir e desfazer; queremos, sim, e com ardor, que o professorado se integre na corrente renovadora da escola, contribuindo com o seu tirocinio,

com a sua pratica, com a sua experiencia.

Devemos, pois, considerar bem no problema e compreendê-lo bem em todos os seus termos.

A pratica, que adquirimos em anos e anos de esforços e de trabalhos, deve auxiliarnos e orientar-nos no exame e no estudo dos problemas atuais da escola e da sociedade.

Não podemos estacionar, porque estacionar é retroceder. E a educação não pôde permanecer inerte quando novos problemas surgem, quando a vida requer evolução e movimento.

A vida social — diz Dewey — se perpetua através da educação. Os civilizados perpetuam a civilização, os selvagens perpetuam a selvageria.

Como pôde um bom professor, sem razões sufficientes e fortes, estabelecer um limite aos seus estudos e dele não se afastar?

Vivamos, pois, dentro do presente e dentro dele coloquemos a escola, e procuremos enriquecer a nossa experiencia para que ela seja de fato escola de vida e não instrumento de morte.

GUERINO CASASANTA.

## Exames e Promoções

As promoções, como já dissemos, vão repartir os estudantes pelas classes e pelos cursos ou distribuir os individuos pelas carreiras profissionais.

Os seus efeitos não podem visar apenas repartir e definir lugares e posições para os individuos mas escolher, seleccionar e adaptar com justeza.

É claro que se não vai esperar da promoção o milagre de colocar *the right man in the right place*, nem se vai exigir que o trabalho se caracterise pela perfeição e exactidão absolutas.

Quando se diz que a promoção deve visar, seleccionar e adaptar com justeza o individuo formula-se um ideal procurando objectivar-se o papel desse trabalho.

Andamos ainda tão longe desse ideal, como é facil de constatar-se nos meios proprios, que os esforços no sentido de encaminhar o trabalho para a sua verdadeira finalidade esbarram com as objeções de toda ordem, perdem-se no vazio do desinteresse.

Alunos e professores preocupando-se com as promoções visam, na maioria dos casos, os acessos ou passagem de grau, efeitos que pretendem defender, os primeiros como um direito seu, os se-

gundos como um dever do cargo. Uns e outros, procedendo desse modo, incorrem em grave erro e concorrem para a perpetuação do mal, que resulta afinal, em prejuizo deles proprios.

Não se pode admitir, sem grave dano, perdurem ainda hoje na escola as noções erroneas e as pretensões illegitimas acerca das promoções.

Os alunos precisam se acostumar a ver nas promoções o caminho certo para galgar as posições no estudo e nas carreiras.

Devem pois aceitar esse caminho como roteiro indispensavel e que ha de ser palmilhado em toda a sua extensão sem as precipitações da carreira ou dos saltos, sem os empuchões de favores.

Os professores, a quem cabe zelar tanto pelo aluno como pelo cargo, devem procurar conciliar um e outro interesse e fazer das promoções um trabalho serio e cuidadoso como cumpre.

Se os meios de que se vale a escola presentemente para medir e classificar os alunos são ainda rudimentares e deficientes; se esses meios não permitem ainda uma aproximação sequer do ideal, não sirva isso de pretexto para desanimo e frouxidão e sim de motivo para pensar e agir.

no sentido de melhorar as condições atuais.

Se já os mestres quasi todos são acordes em reconhecer os nossos erros e as nossas falhas em materia de promoções, como se explica sejam ainda poucos os que se conformam com a idéa de mudar de orientação nesse particular.

Já se combate sem protestos o processo de exames e o criterio de notas; não se consegue ainda sejam recebidas sem objecções as propostas que visam modificar a orientação de um e outro. Concorda-se em que se não deve ter em classe alunos de niveis varios e profundamente diferenciados; não se concede, procure-se por meio de um criterio de promoções mais seguro, nivelar melhor os grupos de alunos.

Tais procedimentos não passam de preconceitos e re-

ceios infundados que, por isso mesmo, precisam desaparecer da escola e da consciencia dos mestres.

Propõe-se melhorar os niveis das classes nas escolas por meio de classificação intellectual e avaliação pedagogica dos alunos, empregando mais aptos do que essas que em geral se empregam, sem nenhuma garantia de rigor e de tecnica, sem nenhuma base científica.

Porque motivo, sem razão ponderosa e fundamentada se hão de recusar esses meios que a ciencia põe ao alcance do mestre para melhorar e aperfeiçoar o seu trabalho. E com que direito se pretende recusar á escola o direito de usar dos meios scientificos no sentido seu melhor aparelhamento e eficiencia de trabalho?

Oscar Arthur GUIMARÃES.

## DAQUÍ E DALÍ

### Ser Professor

Para os espiritos que se satisfazem com a visão superficial das cousas, restringe-se a missão do professor primario a, em horas determinadas, adstrito á letra do programa official, grupar em torno de si um bando de crianças, para lhes ministrar os primeiros ensinamentos, para projetar nos es-

piritos ainda não bem afeitos á luz crua da realidade da vida, um lampejo fragmentario da verdade, que é a substancia do saber.

Si assim fôra tão sómente, bastaria a quem abraçasse a carreira do magisterio, encher o cerebro de noções colhidas nos livros e depois, á guiza de um transformador electrico, propagar alguns raios luminosos, no limitado prazo das quatro horas letivas determinadas pelo Regulamento.

Mas este não é, não pôde ser o conceito por vós formado, sras. preceptoras, da missão que vos incumbe desempenhar.

Ser professor é professar a religião do Dever, é olhar sempre para a frente e para o alto, é considerar-se como o alvo permanente de olhares indagadores, é viver em aturada vigilia anotando no ementario da experiencia as subtilidades, os misterios desvendados no recondito dos corações infantis; é fazer, em suma, da propria vida um encadeamento de atos dignificantes, uma oblação perene da energia da vontade, um codigo da etica mais elevada.

Assim como ao sacerdote não é licito desvestir-se do seu caráter sagrado, ao transpôr os umbrais do templo, após haver celebrado o officio divino, tambem ao professor não é dado despojar-se dos seus atributos, apenas tange a sinêta assinalando o encerramento das aulas. Na escola, na praça publica, no lar, no recesso calmo do gabinete de estudo, por toda parte, como ao corpo segue a sombra projetada, assim ao professor acompanha-o a silhueta da sua responsabilidade perante o mundo, perante a sua consciencia, perante Deus.

Na atuação do preceptor duas possibilidades se paralizam.

Ele será um fator do bem, si, moralmente integrado na consciencia da sua missão, nem por um instante tergiversar no reto encaminhamento do espirito e do coração da criança, mas pôde tornar-se um dos maiores cooperadores do mal si, por negligencia, por desamor, por tedio, por negati-

vismo vocacional, não se conserva em guarda contra os botes da fragilidade humana e, sem o perceber muitas vezes, tolda no espírito da criança a visão da justiça, faz-lhe bater fóra do ritmo natural do coração, acende-lhe no olhar o lampejo do primeiro gesto de ódio.

Soprar, sem embaciá-lo, o cristal virgem da mais leve impureza, contar as pétalas de uma rosa, sem a magoar, arancar a pena de um beija-flôr, sem que ele sofra, atalhar o vôo á fragilidade das asas de uma borboleta, sem lhes causar o mais pequeno dano, são atos, por certo, bem difíceis e que requerem da parte de quem os executa uma perícia não vulgar.

Imaginal agora quão mais arduo, quão mais custoso o tratar a alma da criança, síntese da pureza do cristal, do mimo da petala, da leveza da pluma, do subtil do vôo da borboleta?

Sras. professoras, ha na vossa missão um quid de divino que muito custa afeiçoar á argila de que somos todos plasmados.

A vida do professor deve ser uma consagração de todos os instantes á causa do aperfeiçoamento moral, da elevação mental dos pequenos seres humanos que os lares confiam á escola para que esta lhes guie os passos incertos no terreno das primeiras realizações.

A escola de hoje não é mais o ergastulo onde se deformava a individualidade da criança, com o não se lhe consentir a eclosão franca da sua atividade, sob a alegação de que seria quebrar a disciplina, a decantada disciplina de outrora, eufemismo que não vingava disfarçar a monstruosa passividade a que era condenado o escolar.

Nos tempos que correm, muito outras as diretrizes.

Ontem estiolava-se a escola na sombra, as suas flores não atraíam a garrulice das aves, os seus frutos apresentavam inumeras vezes a aspeza dos cardos; ontem era o domínio da passividade, era a classe povoada, não de espíritos ansiosos por desatar o vôo em demanda de novos horizontes.

mas de sombras automatizadas, que iam e vinham com a precisão mecanica de fantoches.

Hoje é a escola banhada de luz, ressoante de canticos, palpitante de vida, escola em que, diz Ferrière, na base de todo trabalho relumbra a atividade espontanea do aluno, escola que satisfaz o apetite de saber, a necessidade de agir, de crear, que se manifesta em toda criança sadia.

"A escola do passado, diz Albert Chessex, era precipua-mente a escola na qual se aprendia de outiva, ou decorando um manual.

Na escola ativa aprende-se trabalhando, pesquisando, observando, experimentando, graças a um esforço que o mestre diligencia tornar tão espontaneo quanto possível".

Hoje não deve o aluno crer pela simples razão de afirmar o professor que assim é, mas ao conhecimento da verdade é mistér chegue pelo jogo das suas proprias facultades intellectuais, habilmente despertadas pelo mestre que deve ser um como colega mais velho, mais experimentado.

O professor ha que ser um eterno insatisfeito consigo mesmo.

O estudo, a meditação, a virtude de não vacilar em retroceder sempre que se sentir desviado da verdadeira rota, a humildade dignificante no aceitar a sugestão proveitosa, a potencialização da sua energetica, o acrisolamento dos atributos morais, a paciencia, a fé ineterata de um evangelizador — eis o programa que se deve traçar e seguir todo aquê-que se avocar a responsabilidade tremenda de colaborar eficientemente, concientemente, na solução do problema vital da educação do nosso povo.

Trabalhe o professor com o cerebro, com a inteligencia, porém, acima de tudo, trabalhe com o coração. A escola que não deitar raizes fundas no coração, poderá dar frutos de aparencia enganadora á vista, mas no amago deles haverá o travo que nem a ação do tempo conseguirá muitas vezes edulcorar.

Eis, minhas colegas, o que me ocorreu dizer-vos no dia a vós consagrado, como a expressão leal do meu modo de vêr.

Agora, aqui reunidos, sob a influencia benéfica dos olhares candidos de centenas de crianças, dirijamos uma saudação unguida de carinho, repassada de afeto, vibrante de solidarismo, a todos os colegas, não só de Minas, mas do Brasil inteiro, que, no exercicio de sua nobre missão, quer nos grupos suntuosos das grandes cidades, quer sob os tectos das modestas escolas rurais, se entregam de corpo e alma ao proselitismo do alfabeto, redimindo os espiritos da pior das escravidões, aparelhando com armas lucíferas a geração novel do presente, para que ela possa amanhã travar no campo do progresso os prelios pacíficos de trabalho, numa coordenação inteligente de capacidades e de esforços, para a grandeza do nosso Brasil.

Que hoje, dia da professora, ressôe no âmbito vastissimo da nossa Patria o brado de alarma d'osabio e excelso patriota, professor Miguel Couto: "No Brasil só ha um problema nacional: a educação do povo".

PEDRO PAZ

## NOTICIARIO

### V Conferencia Nacional de Educação

Deverá realizar-se de 26 do corrente a 2 de janeiro, em Niterói a V Conferencia Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação e sob o patrocínio do governo do Estado do Rio de Janeiro.

E mais um grande empreendimento da Associação Brasileira de Educação esse novo certamen, em continuação á serie anual que vem sendo realizada desde 1928.

A V Conferencia Nacional de Educação reunirá, desta vez, em Niterói, os educadores do país para o estudo de varios temas concernentes ao problema educacional, figurando entre eles o re-

ferente aos termos em que a futura Constitucional do país deverá dispor em materia de educação.

O programa da Conferencia: Os temas relativos ao ensino primario são 3: o 1.º é "O metodo de projetos", e tem por relatores as professoras: Maria Reis Campos, Consuelo Pinheiro, e Lucia Monteiro de Castro.

O 2.º é "Homogenização de classes", cujos relatores são os professores: Isaias Alves, Helena Antipoff e Noemi Silveira.

O 3.º é "Quais os inspetores especializados que a instrução publica estadual deve possuir", e te-

rá por relatores os professores: Frota Pessoa, Paulo Maranhão e João Toledo.

O ensino normal tambem se divide em tres temas: 1.º é "Diretrizes de preparo dos professores e a organização dos institutos destinados a dar esse preparo nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Argentina e no Uruguai", cujos relatores serão os professores: Armando Alvaro Alberto (Argentina e Uruguai), Delgado de Carvalho (Inglaterra e França), e Gustavo Lesa (Estados Unidos e Alemanha).

O 2.º tema é "Quais devem ser os requisitos para a admissoão ás escolas normais?", e terá por relatores os professores: Firmino Costa, Carlos Sá e Ataliba Lepage.

O 3.º tema é "Como ajustar o ensino das materias no curso normal com a pratica de ensino nas escolas de applicação?", e serão relatores os professores: Anísio Teixeira, Ignacia Guimarães e J. P. Fontenelle.

O 1.º tema do ensino secundario é "Qual deve ser no Brasil a ligação entre o ensino primario e o secundario?", e terá por relatores os professores: Carneiro Leão, Raul Gomes e Moreira de Souza.

O 2.º tema é "Qual o melhor regimen para a fiscalização dos estabelecimentos particulares de ensino secundario?", e serão seus relatores os professores: Lucia Magalhães, Euclydes Roxo e Almeida Junior.

O 3.º tema é "Como organizar o ensino secundario sem finalidades preparatorias?", e terá por relatores os professores: Mello Leitão, Mario de Britto e Gonçalves Muniz.

Relativamente ao ensino profissional tambem ha tres temas: o 1.º é "Como organizar a educação profissional para atender, em seus varios graus, ás necessidades de trabalho tecnico no Brasil?", sendo relatores os professores: Barbosa de Oliveira, Sussekird de

Mendonça e Aprigio Gonzaga.

O 2.º tema é "Como formar o pessoal docente para os varios graus de educação profissional?", e terá por relatores os professores Americo Wanick, Leon Kasseff e Paschoal Semme.

O 3.º tema é "Que regalías officiaes oferecer para aumentar o exito aos egressos dos cursos profissionais?", sendo seus relatores os professores: Fidelis Reis, Luiz Palmeira e Francisco Montojos.

### Exposição pedagogica

Anexa á V Conferencia Nacional de Educação funcionará o Exposição pedagogica a que são convidados a comparecer todas as associações e pessoas que se interessam pelo ensino no Brasil.

1.º) — Jardins da Infancia — Escolas Maternais: planos e arquiteturas dos edificios. Mobiliario apropriado aos exercicios e ás salas de trabalhos. Aparelhos, instrumentos, brinquedos, jogos e material destinados aos exercicios. Mobiliario dos refeitórios, dormitórios e recreio, bebedouros, lavatorios. Horario dos trabalhos e exercicios. Programas do ensino. Livros sobre o ensino, metodos, exercicios e trabalhos. Trabalhos feitos pelos alunos. Vestuario escolar.

2.º) — Escolas primarias (isoladas ou grupadas): planos e arquitetura dos edificios das escolas isoladas e grupos escolares, lencos-carteiras, singelos, duplos ou singulares, mesas, caderiras, estrados, quadros negros, portamapas, religios, apropriados ás aulas, material para ilustrar o ensino da linguagem. Quadros para leitura, cadernos de escrita. Aparelhos e modelos para desenhos. Material para modelagem. Aparelhos para o ensino de aritmetica e sistema metrico. Tipos de quadros-negros fixos, giratorios, duplos ou não, quadriculados. Globos Geograficos, ardosiados.

hipsometricos. Cartas ou mapas geograficos. Quadros e mapas para o ensino de Historia. Panthonn escolar. Instrumentos e aparelhos para o ensino de fisica. Aparelhos e instrumentos meteorologicos. Instrumentos e aparelhos para o ensino da fisica e da quimica. Aparelhos e instrumentos para o ensino da musica. Museus, gabinetes para o ensino da fisica, da quimica e da historia natural. Coleções de geologia, mineralogia, botânica e zoologia. Aparelhos, instrumentos e quadros para o ensino da agronomia e da zootecnia. Atlas e quadros murais para o ensino da anatomia e fisiologia. Modelos em papel machê ou cêra, do homem e de outros animais, como as víceras moveis. Modelos artificiais e engrandecidos de vegetais, insetos, animais uteis. Museus escolares do tipo Deyrolle, em português ou em outra lingua. Programas, horarios, manuscrito ou impressos. Livros de escrituração escolar. Aparelhos para o ensino de ginastica. Instrumentos e aparelhos para a psicologia experimental e antropometrica. Aparelhos, instrumentos e modelos de higiene e socorros medicos. Livros didaticos para leitura e demais disciplinas do ensino primario. Planos de museus escolares. Planos de bibliotecas escolares. Mobiliario e dispositivo para acomodar o material de ilustrar o ensino. Planos de caixas economicas escolares. Material para trabalhos manuais. Trabalhos de desenho. Cartografia, caligrafia, manuais, agulhas, recorte dos alunos, com designação de metodos. Material para cinema escolar; aparelhos e films. Fonografos escolares. Radio escolar. Aparelhos e dispositivos para a iluminação e ventilação das salas de aulas. Vestuario escolar, fardamento, roupa de trabalho, calçados, etc.

3.º) — Escolas profissionais — Escolas Normais — Liceus: Pla-

no e arquitetura dos edificios. Mobiliario: bancos, bancos-carreira, mesas, cadeiras, quadro-negros, etc. Para aulas. Instrumentos, aparelhos, quadros manuais, etc., para o ensino intuitivo da fisica, da quimica, da historia natural, geografia, cosmografia e demais disciplinas. Aparelhos de ginasticas e jogos. Material para desenhos, caligrafia, e escrita. Programas e horarios. Livros didaticos. Instrumentos para a pratica de officios. Trabalhos de alunos.

4.º) — Ensino profissional: plano e arquitetura dos edificios, de acordo com o ensino de cada um; mobiliario das aulas e officinas. Instrumentos e aparelhos. Objetos fabricados pelos alunos.

5.º) — Documentos e publicações: leis, decretos, regulamentos, resoluções, programas e horario escolares. Trabalhos e graficos sobre estatistica escolar. Revistas, obras, catalogos e outras publicações sobre ensino e educação.

#### As adesões

Aderiram já à Conferencia todos os Estados, os quais começaram já a indicar os seus representantes.

#### A representação de Minas

O Estado de Minas será representado na V Conferencia Nacional de Educação pelos seguintes delegados:

Professor Guerino Casasanta, inspetor Geral da Instrução; professor Firmino Costa, diretor da Escola Normal da Capital; d. Amelia de Castro Monteiro, diretora da Escola de Aperfeiçoamento; dr. José Alvares de Silva Campos, inspetor de higiene dentaria escolar; professor Francisco de Mello Franco, diretor da Escola Normal de Campanha; dr. Hely Nogueira, lente da Escola Normal de Itaúna e professor Oscar Arthur Guimarães, membro do Corpo Tecnico de Assistencia ao Ensino.

Origem: Doação

Proca: